



2 Nova diretoria executiva da Unesp busca aprimorar qualidade da fundação

11 Encontro debate alternativas de combate à discriminação racial no país

7 Estudo revela mamíferos em trechos de florestas cercados pela cana em SP



jornal unesp



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA • ANO XXXII • NÚMERO 331 • ABRIL 2017



Shutterstock

CIÊNCIA EM EXPANSÃO

O CNPq aprovou três projetos propostos por pesquisadores da **Unesp** para criação de Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCTs): um deles é focado na investigação de produtos naturais na biodiversidade brasileira; outro volta-se para a aplicação da tecnologia GNSS no suporte à navegação aérea; e um terceiro é destinado à pesquisa de alternativas para detectar, fazer a avaliação toxicológica e remover micropoluentes e produtos radioativos. **páginas 8 e 9**

10 Projeto internacional investiga imunidade de transmissor de zika e dengue

4 Software desenvolvido em parceria com empresa identifica e classifica madeiras

12 Rankings Times Higher Education e Quacquarelli Symonds destacam **Unesp**

Contra a desigualdade
Analistas abordam ampliação de espaços para negros em setores como mídia e universidade



O desafio de melhorar sempre

Nova diretoria executiva da Fundação Vunesp assume com a proposta de trabalhar exaustivamente para consolidar e aprimorar a qualidade da instituição, que já é bastante reconhecida

Antonio Nivaldo Hespanhol, Tania Cristina Arantes Macedo de Azevedo, Antonio Carlos Simões Pião, Henrique Luiz Monteiro

Fotos Daniel Patire



Vestibulandos chegam a local de prova e respondem às questões: Vunesp prepara, aplica e corrige exames vestibulares para a Unesp e várias outras instituições

A nova diretoria executiva da Fundação Vunesp assume com a proposta de trabalhar exaustivamente para consolidar e aprimorar a qualidade da instituição, a qual já é bastante reconhecida, sendo, inclusive, certificada pelo Sistema de Gestão da Qualidade – ISO 9001, desde 2012.

A Vunesp foi criada pela **Unesp** no ano de 1979 para realizar o vestibular da Universidade e ajudá-la a enfrentar grandes desafios. O primeiro vestibular foi realizado no ano de 1980 e atualmente a fundação prepara, aplica e corrige exames vestibulares não somente para a **Unesp**, mas para muitas outras instituições de ensino públicas e privadas, realizando anualmente cerca de meia centena de vestibulares.

O planejamento, a organização e a aplicação de exames vestibulares constituíram-se no núcleo fundamental dos trabalhos da Vunesp nos seus primeiros anos. Com base na sua competência na área de vestibulares, a instituição passou a atuar na seleção de pessoal para órgãos públicos e empresas pri-

vadas, por meio da realização de concursos e processos seletivos, atividade que desenvolve há mais de 30 anos.

A partir dos anos 2000, além de vestibulares e concursos, a Fundação passou a atuar na área de avaliação educacional de larga escala, sendo responsável pela elaboração, aplicação e correção dos instrumentos e análise dos resultados do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp) desde 2010 e pela elaboração, aplicação e correção dos instrumentos e análise dos resultados do Sistema Paraense de Avaliação Educacional (SisPAE) desde 2014. Nos dois sistemas de avaliação os instrumentos são aplicados em escolas localizadas em todos os municípios dos Estados, envolvendo mais de 1,8 milhão de alunos, no caso do Saresp, e mais de 800 mil alunos, no caso do SisPAE.

Até hoje mais de 43 milhões de pessoas se submeteram a vestibulares, concursos ou avaliações realizados pela Vunesp. A instituição conta com 215 fun-

cionários permanentes, além de contratar periodicamente mais de 100 mil colaboradores, entre elaboradores de provas, corretores, revisores e aplicadores (coordenadores de prédios, fiscais, ascensoristas, bombeiros, eletricitas, encanadores, enfermeiros, cinegrafistas, fiscais de Linguagem Brasileira de Sinais e seguranças, dentre outros profissionais).

A lista de instituições para as quais a Vunesp tem prestado serviços evidencia a sua eficiência: Secretarias da Educação de São Paulo e do Pará, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), Ministério Público de São Paulo, Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Polícias Militar e Civil de São Paulo, Serviço Social do Comércio (SESC), Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, conselhos regionais de várias profissões e diversas secretarias estaduais e câmaras e prefeituras municipais, entre muitos outros órgãos públicos, instituições de ensino, empresas e entidades da sociedade civil.

As centenas de milhares de provas dissertativas e redações dos projetos executados pela Vunesp são corrigidas de forma on-line, utilizando softwares desenvolvidos pelos técnicos da própria instituição, assim como são digitalizadas anualmente milhões de redações, folhas de respostas a questões dissertativas para processamento dos resultados dos projetos, tudo feito com muito zelo, cuidado, sigilo e segurança.

Para aprimorar ainda mais o trabalho que vem sendo feito, a Vunesp apresenta em sua nova diretoria executiva profissionais de diferentes regiões do Estado, todos docentes da **Unesp**, com experiências administrativas, inclusive na direção de importantes faculdades (FC–Bauru, FE–Guaratinguetá, FCT–Presidente Prudente e IGCE–Rio Claro). Os novos diretores possuem as suas carreiras acadêmicas vinculadas às áreas de agronomia, educação física, engenharia ambiental, estatística, física, geografia e tecnologia nuclear, estando, portanto, as três grandes áreas do conhecimento (Biológicas, Exatas e Humanidades) representadas na

diretoria executiva da Vunesp.

Essa diversidade de experiências e de áreas de conhecimento será importante para a Vunesp manter a excelência e se aperfeiçoar cada vez mais na qualidade do trabalho que realiza, mantendo o firme propósito de cumprir os objetivos para os quais foi criada, além de continuar repassando até 50% da receita líquida obtida anualmente para a **Unesp**, conforme estabelece o seu estatuto.

O diretor-presidente **Antonio Nivaldo Hespanhol** (FCT–Presidente Prudente), a superintendente acadêmica **Tania Cristina Arantes Macedo de Azevedo** (FE–Guaratinguetá), o superintendente administrativo **Antonio Carlos Simões Pião** (IGCE–Rio Claro) e o superintendente de Planejamento **Henrique Luiz Monteiro** (FC–Bauru) compõem a nova diretoria executiva da Fundação Vunesp

Vunesp com nova direção

Dirigentes planejam aperfeiçoar qualidade dos serviços, em vestibulares, concursos e avaliação

Desde 16 de janeiro, a Fundação para o Vestibular da Unesp (Vunesp) está com nova Diretoria Executiva. A presidência da instituição é exercida por Antonio Nivaldo Hespanhol, enquanto a Superintendência Administrativa está a cargo de Carlos Simões Pião e a Superintendência de Planejamento é comandada por Henrique Luiz Monteiro. Integra a equipe Tania Cristina Arantes Macedo de Azevedo, que ocupa a Superintendência Acadêmica desde 2009.

O professor Antonio Nivaldo, que foi membro do Conselho Curador da Vunesp por oito anos, aponta como principal objetivo de sua gestão “o aperfeiçoamento contínuo dos procedimentos da Vunesp para oferecer sempre um trabalho de excelência, seja em vestibulares, concursos ou avaliações, em todo o território nacional”.

Para os próximos quatro anos, a professora Tania estabeleceu como meta “manter a boa performance no trabalho em grandes projetos que vêm sendo realizados com sucesso pela Vunesp, bem como dezenas de vestibulares de Medicina; a parceria com o Inep, do governo federal; o Saresp, da Secretaria da Educa-



Da esq. para a dir.: Monteiro, Pião, Tânia e Hespanhol, que integram a Diretoria Executiva

ção de São Paulo, com mais de 1,8 milhão de alunos avaliados; e o SisPAE, da Secretaria da Educação do Pará, com mais de 800 mil alunos avaliados”.

O professor Pião identifica como principais pontos positivos da Vunesp “a grande especialização dos profissionais e a qualidade do trabalho realizado, conforme atesta a própria certificação do sistema de gestão da qualidade da Vunesp, inclusive com uma área de coordenação desse sistema ligada à Diretoria Administrativa”.

Na Diretoria de Planejamento, o professor Henrique pretende aplicar sua experiência como

dirigente buscando “o desenvolvimento estruturado de uma instituição muito respeitada, com 37 anos de experiência e hoje com 215 funcionários, sendo 94 ligados à Diretoria de Planejamento”.

CONHEÇA O PERFIL DOS QUATRO DIRETORES DA FUNDAÇÃO VUNESP:

Diretor-Presidente Antonio Nivaldo Hespanhol

Foi membro do Conselho de Curadores da Vunesp de 2008 a 2016; vice-diretor (2006 a 2010) e diretor (2010 a 2014) da Faculdade de Ciências e Tecnologia, da Unesp de Presidente Prudente. Foi coordenador da implantação

do curso de Geografia da Unesp em Ourinhos. Possui graduação, mestrado e doutorado em Geografia pela Unesp e pós-doutorado pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (Paris – França) e é bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq.

Superintendente Acadêmica Tania Cristina Arantes Macedo de Azevedo

Superintendente acadêmica da Vunesp desde 2009. Na Faculdade de Engenharia da Unesp de Guaratinguetá foi vice-diretora (2001 a 2004) e diretora (2005 a 2008). Atuou como assessora do Gabinete da

Reitoria e presidente do Fórum dos Diretores da Unesp. Possui graduação em Física, mestrado em Tecnologia Nuclear e doutorado em Física, sempre pela USP. Desde 1982 é professora da Unesp Guaratinguetá.

Superintendente Administrativo Antonio Carlos Simões Pião

Professor no Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Unesp, em Rio Claro, onde foi vice-diretor (2001 a 2005) e diretor (2005 a 2013). Possui graduação em Estatística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), mestrado em Agronomia pela Universidade de São Paulo, doutorado em Ciências da Engenharia Ambiental pela Escola de Engenharia de São Carlos e livre-docência pela Unesp.

Superintendente de Planejamento Henrique Luiz Monteiro

Professor da Faculdade de Ciências da Unesp, em Bauru, onde foi diretor de 2005 a 2009. Possui graduação, mestrado e doutorado em Educação Física, com graduação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e mestrado e doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Dados sobre inclusão social da Unesp

VESTIBULAR

As ações de inclusão para os candidatos ao Vestibular Unesp envolvem isenções das taxas de inscrições de quatro maneiras:

1. Isenção total da taxa de inscrição.
2. Redução de 50% do valor da taxa de inscrição (de acordo com a Lei Estadual n.º 12.782/07).
3. Redução de 75% na taxa de inscrição de alunos do último ano da rede estadual de ensino médio e do Centro Paula Souza ou da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de São Paulo.
4. Redução de 50% da taxa de inscrição para candidatas que se autodeclararam treineiros.

MATRICULADOS

Aos alunos ingressantes, a Unesp oferece o Programa de Inclusão, através do Sistema de Reserva de Vagas para a Educação Básica Pública (SRVEBP). As metas de inclusão estabelecem que,

até 2018, 50% das matrículas em cada curso deverão ser ocupadas por estudantes que cursaram integralmente o ensino médio em escolas públicas (ver tabela). O percentual de pretos, pardos e indígenas (PPIs) deverá ser também no mínimo de 35% das vagas reservadas, porcentagem verificada para a população do Estado de São Paulo no censo demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de

Geografia e Estatística (IBGE). As metas devem ser atendidas da seguinte forma: 25% (2015), 35% (2016), 45% (2017), 50% (2018) (ver tabela). A Universidade realiza também ações para a manutenção de alunos de baixa renda, principalmente os oriundos de escolas públicas. Aos aprovados no vestibular, a Unesp oferece os seguintes benefícios: Bolsa de Apoio Acadêmico e Extensão I, Auxílio Aluguel, Moradia

Estudantil, Subsídio Alimentação e Auxílio-Estágio. (Sobre o número de beneficiados, ver <<https://goo.gl/tgjF4q>>). A instituição tem fortalecido a divulgação do seu vestibular nas escolas, mostrando os programas oferecidos para a manutenção de alunos de baixa renda, como o Programa de Captação de Talentos da Educação Básica Pública (ProTalentos Unesp). Esse programa visa a estimular

alunos que cursaram todo o ensino médio em escolas públicas e tenham alto desempenho acadêmico a se inscreverem no Vestibular da Unesp pelo SRVEBP e, se aprovados, realizarem suas matrículas. O programa garantirá em cada curso uma bolsa de iniciação à pesquisa ao melhor classificado no sistema de inscrição, além de apoio para estágio de intercâmbio no exterior.

PORCENTUAL DE INGRESSANTES ORIUNDOS DE ESCOLAS PÚBLICAS NA UNESP – DE 2010 A 2017*

Ano	Ingressantes (geral)	Ingressantes escolas públicas	% de ingressantes escolas públicas	Ingressantes PPIs (pretos, pardos e indígenas)	% de ingressantes PPIs
2010	6.429	2.320	36,1	962	15
2011	6.506	2.545	39,1	1.097	16,9
2012	6.569	2.686	40,9	1.074	16,3
2013	7.019	2.904	41,4	1.277	18,2
2014	7.253	2.953	40,7	1.538	21,2
2015	7.254	3.115	42,9	1.639	22,6
2016	7.327	3.417	46,6	1.816	24,8
2017	7.322	3.664	50,04	1.897	25,9

*Dados atualizados até 1.º de abril de 2017

Fonte: Fundação Unesp

De olho na madeira

Software desenvolvido em parceria com empresa avalia qualidade de matéria-prima de indústrias

André Louzas

Indústrias madeireiras do país apresentam um nível tecnológico significativo, mas a classificação da qualidade da sua matéria-prima ainda depende de métodos de avaliação tradicionais, feitos por funcionários especializados. Para modernizar os processos na área, pesquisadores da **Unesp** de Itapeva desenvolveram o software NeuroWood, destinado a identificar e classificar madeiras a partir de imagens obtidas por câmeras e analisadas por meio de algoritmos de redes neurais.

O projeto envolveu os professores Carlos Affonso e André Rossi, da **Unesp**; Fábio Vieira, da Fatec Capão Bonito; três alunos de iniciação científica; além de uma parceria com a empresa Sguario Indústria de Madeiras.

De acordo com Affonso, o sistema foi desenvolvido com técnicas de inteligência artificial aplicadas ao processamento de imagens de madeira. “Para isso foi necessário ensinar o sistema a classificar os tipos de madeira de acordo com suas qualidades”, assinala. O software, desse modo, foi abastecido com informações fornecidas por especialistas, que ajudaram a definir níveis de qualidade e possíveis defeitos nas tábuas. As madeiras foram então classificadas em qualidade A (excelente), B



Affonso (esq.) com Hietaniemi e o equipamento, que envolve câmeras e o software NeuroWood

(boa) e C (rejeitada).

Em seguida, diversas amostras de tábuas foram fotografadas, criando um banco de imagens que foram trabalhadas, por exemplo, para acentuar detalhes. Depois disso, as imagens coloridas foram convertidas em 256 tons de cinza e associadas às análises das características das madeiras. O grupo usou então técnicas e algoritmos de aprendizado de máquina para classificação dos dados, de acordo com a textura das imagens. “Dessa forma, foi possível analisar as imagens da madeira sem a necessidade da interação humana, via classificação visual, obtendo um sistema efetivo e com uma maior

acurácia”, ressalta Affonso.

O pesquisador esclarece que o projeto se baseou no estudo de tábuas da espécie *Pinus elliottii*, mas o software deverá ser aplicável também na análise de outras espécies de madeira e outros tipos de produtos, como papel, cavacos e talvez até minerais. “Para esses diferentes materiais, novos estudos estão sendo realizados e a readaptação do processo de aprendizado do software e o desenvolvimento do mesmo será necessário”, assegura.

O professor enfatiza a colaboração com a Sguario, nesse processo. “A empresa permitiu que funcionários especializados nos dessem



todo o apoio, e nos auxiliou durante todo o processo na implantação dos equipamentos de classificação e do software, assim como nos permitiu consultar os fornecedores dos equipamentos de automação, para que o nosso software tivesse a integração necessária com esses equipamentos”, informa Affonso.

Ele destaca o baixo custo de implantação do NeuroWood, em comparação com sistemas já existentes, pois os equipamentos desse software são padronizados e os programas adotados no seu desenvolvimento são de livre acesso. “Uma característica do equipamento é a utilização de câmeras de baixo custo, disponíveis

no mercado”, comenta.

Os resultados do projeto chamaram a atenção de pesquisadores da Universidade de Oulu, na Finlândia. Um contrato foi firmado entre a **Unesp** e o Centro para Visão Mecânica e Análise de Sinais (CMVS) dessa instituição, visando ao intercâmbio de alunos e docentes e à troca de experiências. Desde fevereiro, Affonso está na Finlândia, onde ficará durante um ano. “Vamos aprimorar nossos conhecimentos na área de classificação através de imagens, mostrar nossa tecnologia e aplicar os conhecimentos deles em nosso software, de acordo com nossa realidade, já que possuem maior experiência nessa área”, declara. “E ainda este ano prevemos levar e trazer alunos e professores para participar desse programa.”

Pesquisador da Universidade de Oulu, Riku Hietaniemi afirma que o trabalho com a **Unesp** busca obter um sistema facilmente aplicável na indústria madeireira, relacionado à análise de qualidade por câmeras controladas por software. “Custo acessível, fácil utilização e capacidade de rápido desenvolvimento são objetivos que vamos perseguir”, diz Hietaniemi. “Esse sistema e seus desdobramentos deverão ainda encontrar utilidade em outras aplicações.”

Para a melhor adubação da atemoia

Programa gratuito ajuda produtor e especialista no diagnóstico do estado nutricional das plantas

Os interessados em fazer a melhor adubação de uma plantação de atemoias têm um novo apoio para sua decisão. Está disponível, para acesso gratuito no site da **Unesp** de Registro, o software CND–Atemoia, destinado a produtores, profissionais e estudantes ligados à área de produção vegetal e solos.

Professor do Câmpus de Registro, Danilo Eduardo Rozane assinala que o software se baseia no método denominado CND (Compositional Nutrients Diagnosis), que avalia os teores de nutrientes presentes no tecido vegetal, com base em dados de amostras de uma plantação de alta produtividade. “O banco de dados armazenado no software foi constituído de



Rozane e a página do software que avalia os teores de nutrientes presentes no vegetal

valores nutricionais de amostras foliares coletadas em municípios paulistas da região de Pilar do Sul, que é tradicional no cultivo desta anonácea”, esclarece Rozane.

Depois de enviar para um laboratório amostras de folhas de um trecho de sua plantação, o produtor fornece ao programa os dados

correspondentes aos nutrientes da planta – como nitrogênio, fósforo, ferro e outros –, para que o software realize os cálculos, apresente a informação numérica básica para o diagnóstico do estado nutricional das plantas e forneça os índices adequados para cada um dos nutrientes, além de uma medida



geral para a adubação.

Coordenado por Rozane, o desenvolvimento CND–Atemoia foi realizado em colaboração com Eduardo Maciel Haitzmann dos Santos, hoje doutorando da Universidade Federal do Paraná (UFPR), teve a parceria da Université de Laval (Canadá); da Universidade

Federal do Ceará (UFCE); da Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI); e da Associação Paulista dos Produtores de Caqui (APPC); além do apoio da Agência Unesp de Inovação (AUIN).

O CND–Atemoia soma-se a outros softwares para produtores e especialistas já elaborados por Rozane e seus parceiros, voltados para as culturas de goiaba, manga e uva. “E, em breve, também será possível obter informações sobre tomate, milho-doce e citros”, revela o professor.

O software CND–Atemoia está disponível no endereço: <https://goo.gl/GW6Uk3>.

Técnica contra impotência

Novo processo cirúrgico recupera capacidade de ereção de grupo de homens que retiraram próstata

André Louzas

Grande parte dos homens que fazem a prostatectomia radical, ou seja, a retirada da próstata para tratamento do câncer, sofrem disfunção erétil, pois a cirurgia interrompe as conexões nervosas envolvidas na ereção do pênis. Uma técnica desenvolvida por estudiosos da Faculdade de Medicina (FM) de Botucatu, conhecida com reinervação peniana, conseguiu ajudar um grupo de pacientes a superar o problema da impotência causada pela cirurgia de próstata, abrindo uma nova “via de ligação” entre o cérebro e o funcionamento do pênis. Publicado em janeiro na revista *British Journal of Urology International (BJUI)*, o trabalho do grupo foi coordenado pelo professor José Carlos Souza Trindade, reitor da **Unesp** entre 2001 e 2005.

A técnica consiste em retirar trechos de cerca de 30 cm dos nervos surais, localizados na panturrilha, que são divididos em dois pares de enxertos de cerca de 15 cm cada um. Eles são os elos que ligarão o nervo



Reprodução



Divulgação

O professor Trindade coordenou produção da técnica que refaz inervação da região do pênis

femoral, presente na região lombar, a pontos da área do pênis. Nesses locais são feitas pequenas incisões, de alguns centímetros, onde os enxertos são introduzidos. De um lado, as pontas dos dois pares são suturadas em pontos do nervo femoral; do outro, as extremidades de cada par se ligam a dois locais diferentes: no nervo dorsal do pênis e no corpo cavernoso do órgão sexual.

Com o passar do tempo, o nervo femoral emite novas fibras ao longo dos enxertos do nervo

sural, atingindo assim a área do pênis. Essa nova inervação permite que a região do cérebro responsável pelo estímulo sexual se conecte, via nervo femoral, ao órgão sexual, que retoma a capacidade de ereção.

O professor Trindade ressalta que a técnica cirúrgica de inervação baseia-se em testes com ratos promovidos em 1992, no doutorado de Fausto Viterbo, professor da FM. “Desde então, diversos processos cirúrgicos no mundo se fundamentam na

técnica desenvolvida pelo professor Viterbo, que inicialmente a aplicou em terapias para paralisia facial”, afirma Trindade, que orientou esse doutorado.

A pesquisa publicada na *BJUI* envolveu 10 homens com idade média em torno de 60 anos, que num período anterior de no máximo dois anos haviam se submetido à retirada da próstata. Após o processo de inervação peniana, a equipe acompanhou a recuperação dos voluntários utilizando ultraso-

nografia com Doppler e o Índice Internacional de Função Erétil, ambos aplicados 6, 12 e 18 meses depois da cirurgia.

O acompanhamento, feito ao longo de dois anos, constatou que 60% dos pacientes recuperaram a função erétil, apresentando ereção rígida num prazo médio de oito meses. “Em alguns casos, após três ou quatro meses, a ereção já permitia a penetração”, assegura Trindade. O médico informa que a recuperação foi retardada entre homens que, na terapia de combate ao câncer, haviam se submetido a radioterapia. “Mesmo assim, tivemos 50% de sucesso nesses casos”, declara.

Segundo o coordenador do estudo, os 40% que não tiveram ereção rígida alcançaram pelo menos uma ereção flácida. “Isso melhora a condição psicológica do paciente e melhora a qualidade do seu ato sexual”, ressalta.

De acordo com o pesquisador, a técnica não apresentou efeitos colaterais significativos e vem sendo aplicada em outros pacientes, em Botucatu.

Análise da incontinência urinária em gestantes

Fapesp aprova projeto temático que reúne grupos da Unesp e de centros do Brasil e do exterior

Um problema de saúde pública relevante é a quantidade de casos de incontinência urinária e disfunção muscular após o parto entre mulheres com hiperglicemia, isto é, com níveis elevados de açúcar no sangue. A fim de entender melhor esse fenômeno, avaliar com mais precisão o seu risco de ocorrência e oferecer soluções terapêuticas para as pacientes foi desenvolvido um projeto temático recentemente aprovado pela Fapesp. O projeto tem como pesquisadora responsável a professora Marilza Vieira Cunha Rudge, da Faculdade de Medicina (FM) da **Unesp** de Botucatu, e envolve nomes de várias instituições do país e do exterior.

Por um lado, os pesquisadores vão acompanhar por um período de 6 a 12 meses um grupo de mulheres que tenham como



Divulgação

Marilza: equipe acompanhará mulheres com hiperglicemia gestacional

características comuns apresentar hiperglicemia gestacional (seja diabetes ou hiperglicemia leve), incontinência urinária específica da gestação e um perfil de problema muscular associado à

incontinência urinária e à hiperglicemia gestacional. Esse perfil será analisado em seus aspectos morfológicos, funcionais, bioquímicos, moleculares e ômicos – que englobam campos de estudo

como genômica, proteômica e metabolômica.

A professora Marilza acentua que as investigações abrangem a retirada de um pequeno trecho de músculo reto-abdominal das pacientes, para avaliar a lesão decorrente da hiperglicemia. “Tanto o músculo reto-abdominal quanto o músculo do assoalho pélvico participam do processo de continência urinária”, esclarece.

Por outro lado, a equipe vai promover uma pesquisa translacional – que vai da ciência básica até a aplicação prática do conhecimento gerado – para desenvolver um biodevice, ou seja, um dispositivo de látex de seringueira com células-tronco mesenquimais destinado à regeneração muscular pós-parto de ratas diabéticas. Marilza ressalta que o dispositivo já foi patenteado pela **Unesp**. “Vamos agora acrescentar células-

tronco ao biodevice e inseri-lo no músculo do assoalho pélvico de ratas diabéticas após o parto, com o objetivo de regenerar esse músculo”, explica a docente.

Além de Marilza, pesquisadora responsável, o projeto temático terá como pesquisadoras principais as professoras Angélica Mércia Pascon Barbosa (**Unesp** de Marília), Iracema Calderon (da FM de Botucatu) e Fátima Pereira de Souza (da **Unesp** de São José do Rio Preto). Do projeto também participarão grupos de vários câmpus da **Unesp**, pesquisadores da Unifesp, da Universidade Católica de Pernambuco, da Faculdade de Medicina de Marília, além de grupos do exterior: Case Western Reserve University (EUA), Maastrich University (Holanda), Pontifícia Universidad Católica de Chile e Charité Universitätsmedizin Berlin (Alemanha).

Fé amiga da mata

Estudo revela que religiões relacionadas à ayahuasca ajudam a conservar Floresta Amazônica

Maristela Garmes

Divulgação

Pesquisa de doutorado realizada na **Unesp** mostra, de forma inédita, como os usuários do chá ayahuasca, bebida considerada sagrada, contribuem para a conservação da Floresta Amazônica.

Associada ao culto do Santo Daime, a bebida, que para muitos proporciona um efeito enteógeno, ou seja, uma “manifestação interior do divino”, é feita da união de partes de duas plantas da região: o cipó da *Banisteriopsis caapi*, conhecida como jagube ou mariri, e a folha da *Psychotria viridis*, chamada de rainha ou chacrona. Além do Santo Daime, existem mais duas vertentes religiosas que fazem uso da ayahuasca no Brasil: a Barquinha e a União do Vegetal (UDV).

Em seu trabalho, Julien Marius Reis Thevenin mostra como os praticantes dessas religiões, para assegurar o consumo sustentável da bebida, cultivam as plantas usadas para a sua produção e promovem a existência de um ambiente florestal propício para o desenvolvimento dessas espécies.

Para o pesquisador, à medida que reconhece de forma espontânea o sagrado na natureza, o indivíduo amplia paralela e gradualmente a sua consciência ambiental e o seu comportamento com atitudes de respeito e zelo. “Esse reconhecimento aparece em vários níveis, mas é potencializado pelo uso da ayahuasca, que proporciona a ampliação de sua percepção”, reforça.

A pesquisa, defendida no Departamento de Geografia da **Unesp** de Presidente Prudente, mostrou que a conservação de áreas florestadas tem se dado de maneira espontânea, não somente por força da lei, mas associada a aspectos espirituais da relação com a natureza, com métodos de plantio feitos dentro de princípios agroecológicos em sistemas agroflorestais, que buscam atender às necessidades ambientais das próprias espécies, como o sombreamento para a folha *Psychotria viridis* e o suporte para o cipó *Banisteriopsis caapi*.



Reserva com árvores como a castanheira (círculo superior) e plantação de *Banisteriopsis caapi* (círculo inferior central)

PESQUISA DE CAMPO

A tese contou com uma extensa pesquisa de campo, em 20 municípios do Estado de Rondônia, com realização de questionários, entrevistas, levantamentos florísticos e estudos de mapeamento com geoprocessamento (fitogeografia e fitossociologia).

De acordo com Thevenin, a pesquisa confirmou o cumprimento das normas ambientais vigentes nesses territórios, ao contrário do que tem predominado no resto do país. “Nas áreas de plantio, o levantamento florístico e de parâmetros fitossociológicos também mostrou resultados satisfatórios quanto à conservação da diversidade de espécies arbóreas”, diz.

De acordo com Edson Luís Piroli, orientador da tese e professor do Departamento de Geografia da **Unesp** de Ourinhos, os resultados da pesquisa indicam que religiões que se valem da ayahuasca têm consolidados crenças e valores não econômicos de uso dos recursos naturais. “Essa

concepção aproxima essas pessoas da natureza e as leva a preservá-la”, diz.

MAPEAMENTO

Ao realizar um mapeamento da expansão territorial ayahuasqueira, Thevenin analisou o crescimento e a manutenção das áreas florestadas para o plantio das duas espécies por consumidores da bebida em Rondônia, terceiro Estado com as maiores taxas de desmatamento na Amazônia e que, junto com o Acre, possui o maior número de seguidores dos rituais religiosos ligados ao uso da ayahuasca.

O pesquisador visitou cinco centros para o registro dos dados, relativos a 31 unidades administrativas e 53 propriedades urbanas e rurais, como o Centro Eclético de Correntes da Luz Universal, o Centro Espiritualista Jardim do Redentor, a Casa de Iluminação Rainha da Floresta, o Centro de Irradiação Espiritual “Casa de Jesus e Lar de Frei Manoel” e 27 sedes locais do Centro

Espírita Beneficente União do Vegetal (Cebudv).

Os dados apresentados indicam a presença de mais de 5 mil árvores nativas plantadas nas propriedades analisadas. Além disso, em 63% delas, foi identificada a presença de pelo menos uma espécie arbórea ameaçada de extinção listada pelo Ministério do Meio Ambiente, como a castanheira (*Bertholletia excelsa*), a imburana-de-cheiro (Ambrurana acreana) e o mogno (*Swietenia macrophylla*).

Observou-se ainda que, nas 24 propriedades rurais que fizeram parte do mapeamento, as áreas estão cobertas por vegetação nativa em estágio inicial (gramíneas dispersas entre vegetação arbórea em crescimento), intermediário (árvores entre 8 e 12 m de altura) ou em estágio avançado de sucessão (árvores normalmente excedendo a 20 m de altura), mesmo com a existência de um grande número de pastagens no entorno das propriedades.

Para o geógrafo, os resulta-

dos obtidos mostram o poder das representações e do sagrado no estabelecimento de normas informais e práticas que favorecem a conservação florestal. O contato com o chá ayahuasca e com os sistemas doutrinários associados – que trazem em si a pluralidade de crenças presentes na cultura brasileira, sejam elas cristãs, afro-brasileiras ou indígenas – amplia essa percepção da natureza e contribui gradualmente para o desenvolvimento de valores humanos e comportamentos ecológicos. “Isso pôde ser comprovado em suas práticas de conservação florestal e na relação que esses grupos estabelecem com a natureza, em especial, com as espécies ritualísticas, de valor imaterial”, conclui.

A tese teve apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

Contato do pesquisador:
<julienreis@gmail.com>

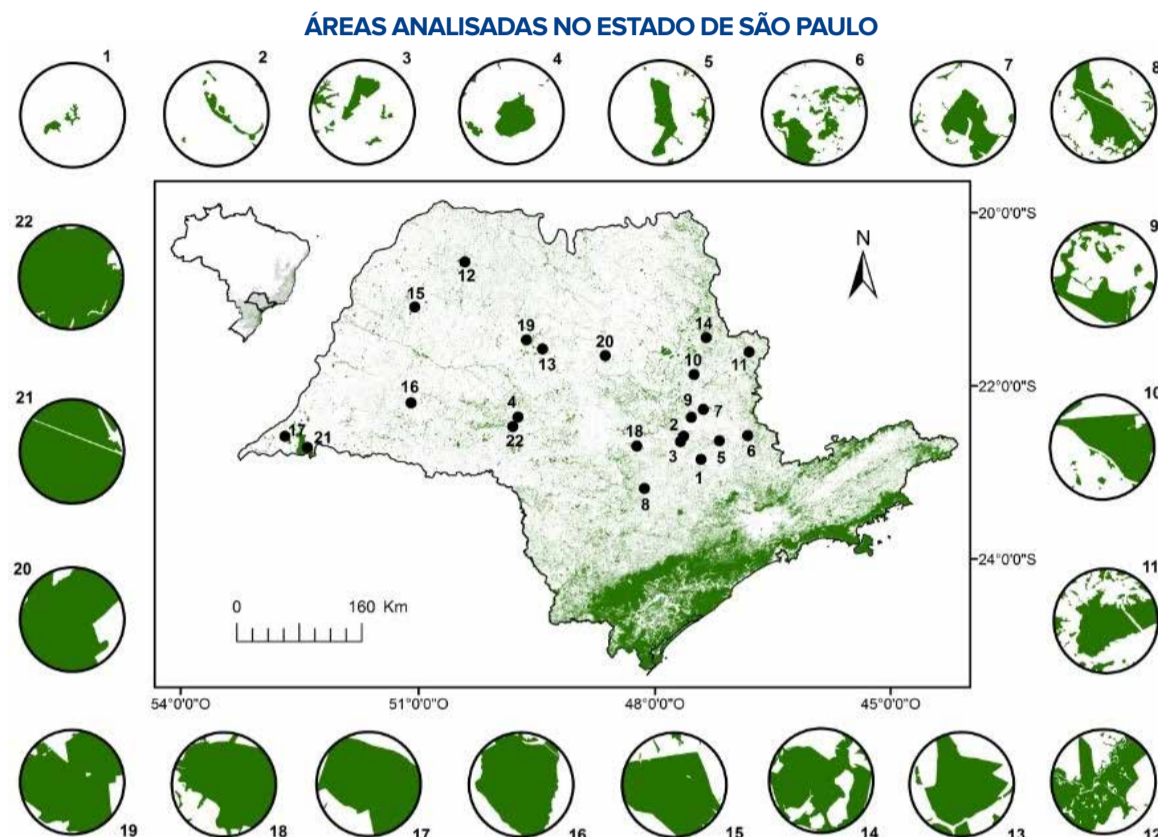
A fauna sobrevive à cana

Censo em 22 trechos florestais cercados pela cultura no Estado detecta 29 espécies de mamíferos

Com a maior produção de cana-de-açúcar no Brasil, o Estado de São Paulo tem extensas áreas ocupadas para o cultivo dessa planta. A fim de avaliar o impacto ambiental dessa monocultura, pesquisadores do Instituto de Biociências (IB), Câmpus da Unesp de Rio Claro, promoveram um censo de mamíferos em 22 remanescente florestais cercados por plantações de cana. Os resultados – animadores – foram publicados em março na revista inglesa *Biological Conservation*.

Por meio da instalação de câmeras automáticas nas florestas, a equipe encontrou 29 espécies de mamíferos, incluindo anta, tamanduá-bandeira, onça e veados. Segundo a pesquisadora responsável, Gabrielle Beca, isso equivale a 90% dos mamíferos esperados para a região do Estado. “Quando consideramos todas as 22 áreas que trabalhamos, vimos que não houve extinções na escala regional. No entanto, quando olhamos para cada floresta separadamente, observamos que houve a extinção de 50% a 80% dos mamíferos. Ou seja, é uma boa e má notícia ao mesmo tempo”, comenta Gabrielle.

O estudo, realizado entre 2013 e 2015, integrou o mestrado de Gabrielle, que foi orientado pelo



Localização de paisagens (*pontos pretos*) em remanescentes de Mata Atlântica, no estado de São Paulo. As paisagens estão numeradas e apresentadas no sentido horário, em ordem da quantidade de cobertura florestal (*verde*)

professor Mauro Galetti. “Esse trabalho mostra que ainda existe uma chance de conservarmos toda a fauna de mamíferos grandes se conectarmos todos esses fragmentos em corredores ecológicos”, comenta Galetti.

Atualmente realizando seu doutorado, Gabrielle confessa que o grupo participante da pesquisa ficou surpreso ao encontrar tantas espécies em florestas no meio da cana. “Mas uma coisa também ficou clara: quanto maior a floresta, mais animais raros ela possui, como onça-pintada, antas e queixadas”, adverte. Ela assinala que o estudo focalizou trechos da Mata Atlântica. “Entretanto, no decorrer deste ano, iremos trabalhar também em áreas de Cerrado”, acrescenta.

Apesar dessa boa notícia, o levantamento também mostrou que muitas florestas estudadas possuem o javaporco e cães domésticos, que podem trazer muitos danos à biodiversidade. “O javaporco se tornou uma praga no Brasil e se não for controlado haverá um enorme problema para a agricultura, para a saúde pública e mesmo para a biodiversidade”, comenta Felipe Pedrosa, um dos autores do trabalho. “O javaporco, além de invadir plantações, é uma das principais presas dos morcegos vampiros, que transmitem a raiva.”

CORREDORES ECOLÓGICOS

Agora, os pesquisadores pretendem mapear possíveis áreas para criar corredores ecológicos. “Nesse cenário positivo, em que nenhuma extinção regional foi registrada, o simples cumprimento do Código

Florestal e a criação de corredores ecológicos é fundamental para a conservação da fauna de mamíferos”, comenta Galetti. “Temos que replantar corredores e incentivar o cumprimento do Código Florestal e assim podemos ter agricultura e meio ambiente saudável ao mesmo tempo”, reforça Milton Ribeiro, professor do Departamento de Ecologia do IB e integrante da equipe.

Gabrielle explica que corredor ecológico é o nome dado a uma faixa de vegetação que une áreas florestais, protegidas ou não, separadas em consequência dos impactos de atividades humanas. “Por meio dos corredores, os efeitos da fragmentação das florestas são reduzidos, permitindo o deslocamento da fauna e a troca genética entre as espécies, além da realização das funções que os animais desempenham no ambiente, como por exemplo a dispersão de sementes, que contribui para que as plantas colonizem novas áreas”, esclarece.

De acordo com a pesquisadora, a criação dos corredores deve ter como base estudos sobre a área de vida e movimentação das espécies, por exemplo. “Os agricultores podem também planejar suas propriedades de modo a favorecer o fluxo dos animais, respeitando as Áreas de Preservação Permanente (APPs), como as matas ciliares, encostas e os topos de morro”,

argumenta. “Outra alternativa são as agroflorestas, que unem as culturas agrícolas às florestas, conciliando a produção vegetal com a conservação.”

Ela acentua que o Código Florestal Brasileiro prevê que uma faixa de floresta de 30 a 500 metros de largura deve ser preservada ao longo dos cursos de água, e que cada propriedade rural deve destinar outros 20% de sua área para “reserva legal”, que envolve vegetação nativa de uso restrito. “Se o Código Florestal fosse cumprido, boa parte das nossas áreas seria capaz de aumentar a conectividade florestal, não sendo necessário a introdução de espécies”, afirma. “Dessa maneira, o simples cumprimento da lei poderia contribuir para restaurar o conjunto de mamíferos florestais, mesmo em áreas hiperfragmentadas.”

A pesquisa foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Além de Gabrielle, de Pedrosa e do professor Ribeiro, o estudo teve a participação de Maurício H. Vancine, Carolina S. Carvalho, Rafael Souza C. Alvez, Daiane Buscariol e Carlos A. Peres, da Universidade de East Anglia, da Inglaterra.

Fotos divulgação



Macaco-prego: número de mamíferos encontrados é animador



Tamanduá fêmea e filhote: corredor ecológico salvaria animais



Gabrielle instala câmera para registrar animais em remanescente

Contato:

Gabrielle Beca
<gabrielle.beca@gmail.com>,
Tel. (19) 99242-6008.

Mauro Galetti
<mgaletti@rc.unesp.br>,
Tel. (19) 3526-4236.

Milton Cezar Ribeiro
<mcr@rc.unesp.br>.

O artigo sobre a pesquisa está acessível em
<<https://goo.gl/JG42f2>>.

PESQUISA DE INTERESSE NACIONAL

Unesp tem três projetos aprovados para criação de Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCTs), que visam agregar grupos em áreas de fronteira essenciais para o futuro do país

Marcos Jorge

Pesquisadores da **Unesp** tiveram três projetos de Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCTs) aprovados na mais recente chamada do programa desenvolvido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cujo resultado foi divulgado no fim de janeiro.

O programa financiado pelo governo federal visa mobilizar e agregar grupos de pesquisa em áreas da fronteira da ciência e estratégicas para o desenvolvimento sustentável do país. A atuação dos institutos deve abranger cinco vertentes: a pesquisa, a formação de recursos humanos, a internacionalização, a transferência do conhecimento para a sociedade por meio da divulgação científica e a transferência de conhecimento para o setor empresarial ou público.

No lançamento do edital de 2014, estava prevista a duração de seis anos dos projetos e recursos da ordem de R\$ 10 milhões, mas desde então esses números têm sofrido alterações por conta de ajustes orçamentários do governo federal. Nessa última chamada foram selecionados 101 projetos, que se somarão a 32 outros institutos de chamadas anteriores, publicadas em 2008 e 2010.

A aprovação dos projetos é importante para o país porque fomenta a colaboração científica entre vários grupos do Brasil. Essa é a opinião da professora Vanderlan da Silva Bolzani, que estará à frente do INCT em Biodiversidade e Produtos Naturais (INCT-BioNat). “O programa ainda associa essa pesquisa à divulgação científica, que é um ponto importante se quisermos que a sociedade valorize a ciência e a tecnologia para o desenvolvimento do país. Além disso, os INCTs podem colaborar na atração de indústrias para a inovação tecnológica”, aponta.

Vanderlan é professora



Galera lidera estudos para melhorar sistema de tráfego aéreo

do Instituto de Química de Araraquara, assim como Maria Valnice Boldrin, que coordenará o INCT Alternativas para Detecção, Avaliação Toxicológica e Remoção de Micropoluentes e Radioativos (INCT-Datrem). Docente da **Unesp** de Presidente Prudente, João Francisco Galera Monico vai liderar o INCT Tecnologia GNSS no Suporte à Navegação Aérea (INCT-GNSS NavAer).

INCT MICROPOLUENTES

Maria Valnice afirma que o tema dos micropoluentes está alinhado às preocupações mundiais com a qualidade da água. Ela argumenta que, segundo a Unesco, cerca de 4 mil pessoas morrem diariamente por beber água contaminada e um sexto da população do planeta não tem acesso a água limpa. “Um ponto importante nesse contexto é entender a água como um bem que precisa ser reutilizado. Nos últimos 5 mil anos, o homem foi perdendo essa capacidade e temos degradado esse bem de maneira inédita”, aponta.

Entre as possíveis áreas de atuação do instituto está a análise de mais de 5 mil compostos gerados pela indústria e



Uso comercial de produtos naturais é meta do grupo de Vanderlan

pelo esgoto doméstico, avaliando seu risco para a saúde humana e o ambiente. A ideia é que o instituto promova ações desde a detecção, passando pela análise, avaliação dos riscos, monitoramento e remoção desses micropoluentes.

“Um dos grandes desafios que temos na área atualmente é desenvolver métodos confiáveis que detectem quantidades muito baixas de poluentes, uma vez que mesmo nesses níveis alguns compostos podem ser mutagênicos, carcinogênicos ou sofrer processo de biotransformação e gerar produtos mais danosos”, explica.

A ideia de submeter uma proposta para INCT amadureceu a partir da atuação de uma equipe formada principalmente por pesquisadores da **Unesp**, liderados por Maria Valnice, e da Unicamp, coordenados pela professora Gisela de Aragão Umbuzeiro. O grupo desenvolvia inicialmente métodos analíticos e de toxicidade para corantes. Apoiada pela Fapesp na forma de projeto temático, a iniciativa foi estendida para outros compostos encontrados em protetores solares, xampus, produtos farmacêuticos, entre



Equipe de Maria Valnice busca detectar e eliminar micropoluentes

outros. “O que estamos propondo não é algo novo”, adverte Maria Valnice. “O grupo já trabalha com micropoluentes há pelo menos oito anos de forma integrada e produtiva.”

INCT PRODUTOS NATURAIS

O estudo da riqueza da biodiversidade brasileira é o ponto de partida do INCT coordenado pela professora Vanderlan Bolzani, um trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Bioensaios, Biossíntese e Ecofisiologia de Produto Naturais (NuBBE) desde os anos 1980, e que ganhou fôlego com a criação do programa Biota, da Fapesp, em 1999.

“A biodiversidade brasileira é uma fábrica fantástica para produção de moléculas que nenhuma cabeça humana jamais teria capacidade de projetar. O Brasil tem também uma trajetória consistente na química de produtos naturais. Mesmo assim, nós não temos ainda um produto natural de alto valor agregado”, aponta a pesquisadora, lembrando que a maioria dos estudos mais aprofundados nessa área foram realizados em ambientes temperados e que nem sempre podem ser aplicados ao contexto brasileiro.

Ainda na primeira cha-

mada do Programa Biota, a pesquisadora emplacou dois projetos temáticos consecutivos na Fapesp que visavam à bioprospecção sustentável de medicamentos no Cerrado e na Mata Atlântica, dando o pontapé inicial para a atuação do grupo. Ao longo desses quase 20 anos, outros projetos foram aprovados em diferentes agências de fomento brasileiras, fortalecendo a infraestrutura dos laboratórios do Instituto de Química.

“Nossos laboratórios têm equipamentos modernos e não devem nada a laboratórios europeus ou americanos”, assegura. Na opinião da docente, contudo, uma diferença marcante da realidade brasileira é a ausência de apoio da indústria para pesquisas e transferência de tecnologia para a sociedade. “É um setor acostumado a ficar próximo do governo e que não gosta de correr riscos”, argumenta.

Apesar das atuais dificuldades, a coordenadora do INCT vê a área de suplementos alimentares e cosméticos com grande potencial para estabelecer parcerias com o setor produtivo. “Diversas pesquisas apontam que o brasileiro consome muitos cosméticos e essa vertente com produtos naturais está em franco crescimento. Além disso, exige menos burocracia e investimentos se comparada com a indústria farmacêutica”, afirma.

INCT NAVEGAÇÃO AÉREA

A segurança de voos no território brasileiro é um dos principais focos do instituto sob coordenação do professor João Francisco Galera Monico, da **Unesp** de Presidente Prudente. O docente orientou em 1999 o primeiro trabalho sobre sistemas de navegação via satélite para correções do efeito da ionosfera – faixa localizada entre 60 e mil quilômetros de altitude que, por ser composta por íons, pode afetar a comunicação desses

sistemas. A pesquisa ocorreu anos antes da popularização do mais famoso desses sistemas, o GPS. Atualmente, essa tecnologia pode ser encontrada em praticamente qualquer sistema de navegação, incluindo smartphones.

A proposta do INCT envolve a aplicação da tecnologia de navegação via satélite em sistemas de pouso de precisão para aeronaves, criando modelos que integrem informações da atividade ionosférica fornecidas por uma série de estações terrestres. Isso poderia aumentar a qualidade, acurácia, integridade e continuidade desse sistema de pouso.

Essas estações já estão instaladas, coletando dados da ionosfera e formando uma rede que envolve hoje 12 unidades em oito Estados brasileiros, fruto de um projeto submetido em 2009 ao Seventh Framework Programme, da União Europeia. O projeto do INCT elaborado em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), o Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) e o Instituto

de Aeronáutica e Espaço (IAE), propõe a ampliação dessa rede e a realização de investigações que possam melhorar o desempenho dos sistemas de navegação via satélite sob condições adversas da atmosfera.

O tema desperta interesse especial porque o território brasileiro está localizado sob uma faixa de intensa perturbação ionosférica, que prejudica a comunicação terrestre com os satélites. “A Secretaria de Navegação Aérea Civil demonstrou o interesse no fomento a pesquisas na área de navegação aérea em parceria com o CNPq dentro do âmbito das chamadas do INCT”, destaca Galera.

Os modelos existentes atualmente foram desenvolvidos em regiões do planeta com distintas condições ionosféricas e que, portanto, não podem ser aplicados no Brasil. Dessa forma, as pesquisas desenvolvidas também irão colaborar para o entendimento desse comportamento ionosférico e a elaboração de modelos apropriados ao contexto brasileiro.



INCT-BioNat

Coordenadora: Vanderlan da Silva Bolzani (Unesp)

Vice-coordenador: Edilberto Rocha Silveira (UFC)

Instituições da rede INCT-BioNat Unesp

USP
Ibt (Instituto de Botânica)
Unifesp (Universidade Federal de São Paulo)
UFSCar (Universidade Federal de São Carlos)
UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
UEM (Universidade Estadual de Maringá)
UEMS (Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul)
UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
UFES (Universidade Federal do Espírito Santo)
UFV (Universidade Federal de Viçosa)
UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais)
UFU (Universidade Federal de Uberlândia)
UFTM (Universidade Federal do Triângulo Mineiro)

OS INCTs APROVADOS

UNB (Universidade de Brasília)
UFMT (Universidade Federal do Mato Grosso)
UFAM (Universidade Federal do Amazonas)
UFPI (Universidade Federal do Piauí)
UFC (Universidade Federal do Ceará)
UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)
Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária)
Total de Pesquisadores envolvidos: 32



INCT-Datrem

Coordenadora: Maria Valnice Boldrin Zanoni (Unesp)

Vice-coordenador: Rodnei Bertazzoli (Unicamp)

Instituições da rede INCT-Datrem Unesp

Unicamp
USP
UFMA (Universidade Federal do Maranhão)
UFGD (Universidade Federal da Grande Dourados)
UFPA (Universidade Federal do Pará)
UFS (Universidade Federal de Sergipe)
UFMG (Universidade Federal de

Minas Gerais)
UFBA (Universidade Federal da Bahia)
UFF (Universidade Federal Fluminense)
UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Total de pesquisadores envolvidos: 34

Fotos Shutterstock



INCT GNSS-NavAer

Coordenador: João Francisco Galera Minoco (Unesp)

Vice-coordenador: Milton Hirokazu Shimabukuro (Unesp)

Instituições da rede INCT GNSS-NavAer:

Unesp
INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais)
ITA (Instituto Tecnológico da Aeronáutica)
IAE (Instituto de Aeronáutica e Espaço)
Total de pesquisadores envolvidos: 12

Workshop reúne integrantes de dois INCTs

Entre os dias 9 e 10 de março, foi realizado em Araraquara um workshop para celebrar a aprovação dos dois INCTs de Araraquara e ao mesmo tempo reunir seus integrantes para discutir o início das suas atividades. As palestras tocaram temas referentes às atribuições dos INCTs, como a divulgação científica, a transferência de conhecimento para a sociedade e a busca por parcerias com o setor produtivo.

O evento foi também uma oportunidade para reunir presencialmente e pela primeira vez os pesquisadores envolvidos com os dois institutos. Entre os palestrantes do workshop estavam a jornalista Mariluce Moura, assessora da Reitoria da Universidade Federal da Bahia, para abordar questões relativas à divulgação científica; Jorge Almeida Guimarães, diretor-presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (Embrapii); João Fernando Gomes, professor da USP de São Carlos, que discutiu um novo modelo para gestão da ciência e da inovação, e José Eduardo Krieger, pró-reitor de Pesquisa da USP.

Krieger chamou a atenção para o fato de as melhores universidades de pesquisa no



Para Krieger, mais instituições deveriam formar pesquisadores

país formarem, por ano, um alto número de mestres e doutores e que essa função precisa ser dividida com outras instituições. “A formação desse recurso humano é tão importante que o custo dela é muito alto. Claro que somos um país que ainda precisa se expandir nesse ponto, mas precisamos refletir sobre o que nós queremos dessas dez universidades”, afirma. O gestor cita o exemplo dos EUA, onde universidades de ponta dividem a responsabilidade de formar mestres e doutores com centenas de outras instituições. Guimarães fez uma apresentação sobre a atuação da Embrapii, empresa estatal criada em 2013 para fomentar



Parceria de universidade com empresa é prioridade de Guimarães

a cooperação entre instituições de pesquisa tecnológica com a indústria, visando ao fortalecimento da capacidade de inovação brasileira. A Embrapii credencia unidades na pesquisa que vão desenvolver parcerias com a indústria, além de dividir os riscos e os custos dos projetos de inovação, aumentando a competitividade. “Nós não apoiamos pesquisa básica ou concedemos bolsa para formação porque já existem agências que fazem isso muito bem. Por outro lado, somos os únicos que oferecem recursos públicos para contratação”, explica Guimarães, destacando o foco da Embrapii na promoção de pesquisa e desenvolvimento



Gomes compara conhecimento científico a quebra-cabeças

em parceria com a indústria. Gomes usou sua experiência como diretor-presidente do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT) e da Embrapii para questionar em sua palestra o modelo linear de inovação. Para ele, a ideia de que a pesquisa básica leva à produção de um conhecimento que será aproveitado pela indústria e se tornar um produto está superada. “Esse modelo linear morreu porque atualmente o conhecimento está sendo produzido e borbulhando por todas as partes. O maior desafio agora é montar esse conhecimento”, aponta o professor de São Carlos. Ele destaca que o modelo



Mariluce analisou desafios relativos à divulgação da ciência

vigente de pesquisa está atualmente baseado nessa proposta linear e faz uma analogia com quebra-cabeças. “O conhecimento científico são peças que estão todas misturadas numa caixa. Para publicar um paper novo, nós pesquisadores fazemos uma pecinha nova porque é ela que rende publicação, e não a montagem do quebra-cabeças”, afirma. Para Guimarães, o modelo de ciência e tecnologia valoriza demais o desempenho individual e parcerias de impacto ainda são difíceis de medir. “Os INCTs tentam fugir dessa regra porque fomentam a colaboração de grupos de pesquisa”, diz.

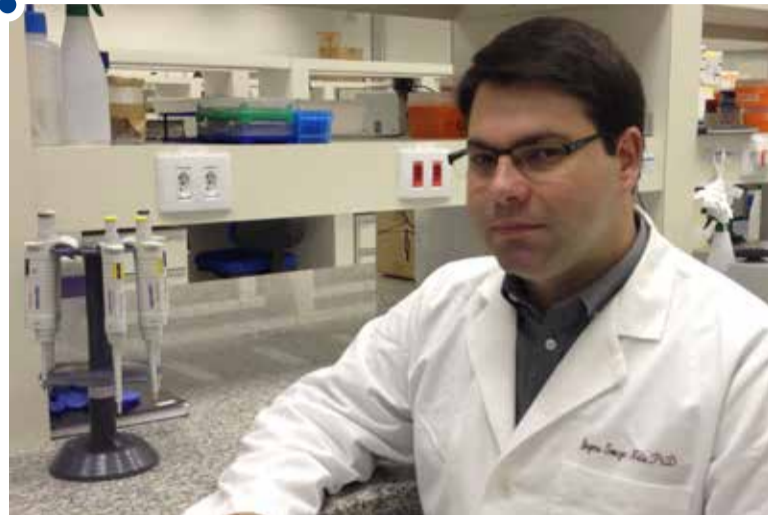
União contra zika e dengue

Parceria com grupos da Itália e da Holanda usa novos recursos para analisar mosquito transmissor

Um projeto feito em conjunto pela **Unesp** e universidades da Itália e da Holanda foi aprovado para financiamento pelo Humans Frontiers Science Program (HFSP). A proposta ficou em quinto lugar entre as 21 aprovadas, sendo que foram enviadas ao programa 1.073 cartas de intenção, do mundo inteiro.

A chamada multidisciplinar prevê a interação entre os grupos de pesquisas envolvidos. O projeto vai focar inicialmente a zika e depois a dengue, envolvendo um processo chamado de imunidade transgeracional, ou seja, a imunidade passada de uma geração de mosquitos para outra.

Segundo Jayme A. Souza-Neto, que lidera o Laboratório de Genômica Funcional e Microbiologia de Vetores (Vectomics), é vice-coordenador-executivo do Instituto de Biotecnologia (IBTEC) da **Unesp** e professor da Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA) da **Unesp** de Botucatu, os pesquisadores vão investigar a hipótese de que, quando o vírus infecta um mosquito, transfere para o genoma dele



Souza-Neto e colegas vão analisar material genético de vírus que passa a integrar DNA do mosquito *Aedes aegypti*

um pedaço do genoma viral.

“E esse fragmento do material genético viral, chamado de NIRV (non-retroviral integrated RNA virus sequence), que passa a integrar o DNA do mosquito, é usado pelo próprio inseto para produzir moléculas que combatem o vírus quando ele é infectado novamente”, explica. “Uma vez que o NIRV integrado ao genoma do inseto é específico para cada tipo de vírus que o infecta, nosso trabalho pode gerar a primeira evidência de que insetos também possuem uma resposta imune adaptati-

va, além da sua já tradicional e caracterizada resposta inata contra patógenos.”

Participam dessa proposta como coordenadores os professores Ronald van Rij (Radboud University Medical Center, Holanda) e Mariangela Bonizzoni (Universidade de Pavia, Itália).

O grupo da **Unesp** estará envolvido em todas as etapas do projeto, que vão da identificação à validação das NIRVs no mosquito e, principalmente, aos ensaios no inseto adulto, incluindo a geração de mosqui-



Fotos divulgação

tos geneticamente modificados, para avaliar o provável efeito antiviral das NIRVs. Os outros grupos atuarão em ensaios de bioinformática para analisar a sequência do DNA do mosquito, o que deve ser feito na Itália, e ensaios antivirais com as NIRVs em culturas celulares do inseto, que ocorrerão na Holanda.

A parte realizada no Brasil será feita no IBTEC, em Botucatu. Serão utilizadas as instalações já existentes para infectar mosquitos e manipular o vírus e o inseto infectado, além da estrutura biomolecu-

lar de injetores e bioinjetores microscópicos para manipular embriões e gerar mosquitos geneticamente modificados, estruturas adquiridas com o apoio da Fapesp.

Saiba mais sobre o programa de financiamento internacional no Podcast *Unesp*:
<<https://goo.gl/O1k28o>>.

Contato do pesquisador Jayme A. Souza-Neto:
<jaysneto@gmail.com>.

Evento reúne Unesp e Universidade de Birmingham

Workshop visou elaboração de projetos conjuntos nas áreas de energia e cidades sustentáveis

A **Unesp** recebeu no dia 13 de março uma comitiva de representantes e pesquisadores da Universidade de Birmingham, no Reino Unido. O propósito da visita foi a realização de um workshop visando fortalecer a parceria estratégica entre as duas instituições e prospectar possíveis colaborações para projetos de pesquisa ou atividades acadêmicas em geral. Para esse encontro foram escolhidas duas áreas estratégicas: cidades sustentáveis e armazenamento de energia.

Intitulada Addressing Global Challenges, a proposta do encontro foi reforçada na fala de Robin Mason, que na universidade britânica exerce função equivalente à de um pró-reitor de Relações Internacionais. “Existe uma forte ligação entre os escritórios de relações internacionais de Bir-

mingham e da **Unesp**”, afirmou. “Mas, para além da colaboração técnico-administrativa, queremos ter laços mais fortes em intercâmbio intelectual e em colaborações acadêmicas.”

O workshop é um dos produtos dessa relação, que, segundo o assessor chefe de Relações Externas da **Unesp**, professor José Celso Freire Jr., vem sendo construída há cerca de cinco anos. “Essa colaboração está alinhada com uma reestruturação da política de relações internacionais de Birmingham, que definiu o Brasil como um dos seus parceiros estratégicos”, apontou.

Antes do início das apresentações dos pesquisadores e das discussões em grupos de trabalho, foram destacadas algumas oportunidades de financiamento de pesquisas e intercâmbio.



Fabiana Manfrim

Encontro: colaboração vem sendo construída há cinco anos

O EVENTO

Na discussão sobre cidades sustentáveis, John Bryson apresentou o trabalho junto ao poder público municipal que realiza como líder do instituto de pesquisa CityREDI. “A ideia nessa parceria é que os problemas de Birmingham seriam mais ou menos os mesmos enfrentados em outras cidades da

Inglaterra e que a solução dessas questões locais poderia ter um impacto nacional”, argumentou.

Em sua apresentação, João Lima Sant’Anna Neto, da **Unesp** de Presidente Prudente, chamou a atenção para as características das cidades do Brasil. “Metodologias desenvolvidas nos EUA e Europa nem sempre funcionam para as

especificidades brasileiras, por isso é fundamental a colaboração internacional”, comentou.

Jonathan Radcliffe apresentou um breve panorama energético do Reino Unido e do Brasil, destacando a demanda térmica. O pesquisador integra a direção do Instituto de Energia da universidade britânica e é especialista em armazenamento de energia. Miloud Ouadi discutiu pesquisas na área de bioenergia, em especial o desenvolvimento de um contêiner que serviria como uma espécie de usina portátil a ser utilizada em regiões não integradas à rede.

O projeto dialoga com a pesquisa do professor Dionísio Paschoarelli, da **Unesp** de Ilha Solteira, que trabalha a eficiência energética no ambiente rural em parceria com universidades dos Estados Unidos e da Inglaterra.

Em defesa da diversidade

Debate no Dia Internacional contra a Discriminação Racial recebeu deputada estadual Leci Brandão

Oscar D'Ambrosio

A **Unesp**, por intermédio da sua Pró-reitoria de Extensão Universitária (PROEX) e do Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão (NUPE), promoveu o evento Dia Internacional contra a Discriminação Racial, em 21 de março, na Reitoria da **Unesp**, em São Paulo (SP).

Integraram a mesa de debates a deputada estadual Leci Brandão, Rodrigo de Carvalho, assessor parlamentar do deputado federal Orlando Silva, e o professor da Faculdade de Ciências e Letras da **Unesp**, Câmpus de Araraquara, Dagoberto José Fonseca.

Com mais de 100 participantes, o evento inaugurou a série de debates "Diálogos da Diversidade", que se estenderá ao longo de 2017 e se insere no contexto das atividades da **Unesp** de fomentar debates durante a Década Internacional de Afrodescendentes (2015–2024), com o foco na educação para a diversidade.

Antes da abertura das palestras e debates, houve a apresentação da cantora Letícia Santos, acompanhada pelo instrumentista Rildo Aquino. Também ocorreu a apresentação de Wawa Aba, animação de Cristina Corat, egressa do curso de Design Gráfico da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da **Unesp** de Bauru. Cristina é autora do Trabalho de Conclusão de Curso "Design gráfico como forma de empoderamento de jovens negras", pesquisa com foco na discriminação racial e de gênero, orientada pela professora Fernanda Henriques.

Na abertura dos trabalhos, o vice-reitor Sergio Nobre, representando o reitor Sandro Valentini, destacou a importância de a Universidade discutir o tema, debatendo ideias para pensar o futuro, incorporando as experiências passadas. "O tema da discriminação racial precisa estar vivo e presente na **Unesp**, para que aprimoremos e fortaleçamos nossas ações em prol da diversidade", afirmou.

Coordenador dos debates, Juarez Tadeu de Paula Xavier, assessor da Proex, ressaltou que esse tipo de evento propicia uma reflexão sobre políticas de inclusão. Ele ressaltou que



Fonseca, Carvalho, Xavier e Leci (da esq. para a dir.): estímulo às políticas de inclusão



Com mais de cem participantes, evento apontou caminhos para melhorar realidade brasileira

jovens negros são os mais assassinados e as mulheres negras as que mais sofrem violência nas cidades brasileiras. "Compreender esses desafios é algo para o qual a gestão da **Unesp** está muito focada", enfatizou.

O assessor Rodrigo de Carvalho abordou a Comissão Parlamentar de Inquérito, da qual o deputado federal Orlando Silva foi vice-presidente, que realizou, de março a julho de 2015, audiências, atividades e investigações que apontaram a existência de um genocídio da juventude negra. A Comissão promoveu a proposta de criação de um Plano Nacional de Enfrentamento ao

Homicídio e de concessão de 2% da arrecadação do Imposto de Renda para a criação de um fundo de financiamento de políticas na área. "A violência está associada às más condições das periferias das cidades brasileiras", disse.

A CPI levantou que cerca de 30 mil jovens são mortos por ano no Brasil – e 77% deles são negros. Desses homicídios, apenas 10% são investigados pela polícia. "Essa situação repercute na economia, no desenvolvimento social e na sociedade como um todo", concluiu.

O professor Dagoberto José Fonseca acentuou que pensar a questão da diversidade é

pensar cada indivíduo, já que todos são diversos entre si. "Isso significa pensar o que é a humanidade e qual queremos construir para cada um de nós e para todos", declarou.

Nesse contexto, caberia à universidade dar vazão a uma pluralidade de conhecimentos, pois divulgar apenas um deles significa estabelecer violência e intolerância. Nesse aspecto, um desafio seria discutir a intolerância religiosa, pauta de alcance internacional. Outro seria, na esfera das cotas, combater o delito de falsidade ideológica ocorrido nas fraudes de autodeclaração nos vestibulares, que colocam em risco

ações afirmativas.

"Na esfera da internacionalização, é preciso debater uma relação mais fraterna e ética da universidade com os países africanos, especialmente os de língua portuguesa", enfatizou Fonseca. "Trata-se aqui de estabelecer ações políticas, não paternalistas." Para o pesquisador, a diversidade é uma fortuna. "Trata-se de uma riqueza, pois é a forma mais importante de conhecimento social e humano que temos, desde que tratada por meio de um diálogo plural, democrático e transparente", concluiu.

A deputada Leci Brandão lembrou sua origem, como filha de pais que não têm curso superior, e diversos trabalhos que teve, como servente em escola pública no Rio de Janeiro, operária de fábrica e telefonista. "Comecei a cantar e a compor sobre temas do meu cotidiano, que incluíam o negro e o favelado. Sem saber, fazia música de protesto, o que me levou a estar na lista dos artistas censurados", destacou.

"Não tenho curso superior e sempre me emociono quando visito universidades. No caso específico da **Unesp**, a considero como a instituição da diversidade, que discute as questões que envolvem os excluídos e marginalizados, sendo, por isso, uma referência para o país", assinalou a deputada.

"Nesta minha visita à **Unesp**, venho pedir ajuda, por exemplo, para obter conhecimento e sabedoria para nos ajudar a transformar ideias em projetos que possam ser conduzidos para a Assembleia Legislativa e, se aprovados, transformados em leis. Somente com a participação e colaboração de todos poderemos melhorar a realidade do Brasil, um país com grande diversidade em todos os aspectos e também de muito preconceito", finalizou.

Acesse as fotos do evento no link: <https://goo.gl/35fgKp>.

Leia no caderno *Fórum* mais reflexões sobre temas como a Década Internacional de Afrodescendentes e o combate à discriminação racial no Brasil.

Rankings destacam Unesp

Times Higher Education coloca instituição na posição 151-200 entre jovens universidades; e dois cursos estão entre 50 melhores do mundo em sua área, na avaliação do QS (Quacquarelli Symonds)

Dois rankings universitários internacionais prestigiados colocaram recentemente a **Unesp** em posições de destaque. Anunciado no início de abril, o Times Higher Education (THE) Young University Rankings posicionou a **Unesp** na faixa 151-200 entre as universidades mundiais abaixo de 50 anos. No começo de março, a QS (Quacquarelli Symonds), num levantamento com 1.127 instituições de 74 países, situou dois cursos da Universidade entre os 50 melhores do mundo em sua especialidade: Odontologia ficou em 33º lugar e Medicina Veterinária, em 47º lugar.

THE

No caso do THE, os critérios utilizados são ensino, pesquisa,



QS destacou cursos de Odontologia e Medicina Veterinária

número de citações, relações internacionais e com a indústria.

Em seu comentário sobre a **Unesp**, o ranking THE ressalta seu caráter multicâmpus e afirma: "A **Unesp** é internacionalmente reconhecida pela qualidade de sua pesquisa, seu ensino e suas iniciativas para promover a diversidade cultural na sala de aula. Seu ethos

ênfata pensamento crítico, princípios humanistas, sustentabilidade, inovação tecnológica e participação democrática em igualdade de condições." O ranking assinala como pontos fortes da produção acadêmica da **Unesp** as áreas de saúde, engenharia, comunicações, humanidades, artes, ciências sociais e ciências básicas.



THE avaliou itens como pesquisa e relações internacionais

Na classificação da THE, outra representante brasileira colocada na faixa de 151-200 das melhores instituições jovens é a Universidade Federal do ABC (UFABC).

QS

No ranking da QS, outras quatro universidades brasilei-

ras, todas públicas, aparecem no top 50. São elas a USP, a Unicamp, a UFMG e a UFRJ.

Na **Unesp**, o curso de Odontologia é oferecido nos Câmpus de Araçatuba, Araraquara e São José dos Campos; o curso de Medicina Veterinária está presente nos Câmpus de Araçatuba, Botucatu e Jaboticabal.

O ranking Times Higher Education (THE) Young University Rankings está disponível em: <https://goo.gl/baqqKCI>.

O ranking da QS (Quacquarelli Symonds) está disponível em: <https://goo.gl/W9RrOA>.

Ourinhos inaugura novo câmpus

Foi inaugurado, no dia 10 de março, o novo Câmpus da **Unesp** de Ourinhos. Mais de 150 pessoas participaram da cerimônia, que teve a presença do prefeito do município, Lucas Pocay (PSD), do reitor da **Unesp**, professor Sandro Valentini, de diretores de outras unidades da Universidade, professores, alunos e diversas autoridades. Após a cerimônia, houve a posse oficial do novo coordenador-executivo do câmpus, professor Edson Luís Piroli, que substituiu a professora Andréa Aparecida Zacharias.

O novo câmpus localiza-se em terreno pertencente à **Unesp**, numa área total de quase 200 mil m². Sua área construída, de 4.118 m², inclui um prédio para administração e salas de docentes, um prédio para central de salas de aula, laboratórios e grupos de pesquisas e um prédio para a pós-graduação, além de uma portaria.

Nessas obras, a **Unesp** investiu cerca de R\$ 9,5 milhões desde 2009, quando ocorreram os primeiros serviços de terraplanagem e cercamento parcial do terreno, executados pela prefeitura. Além dos recursos próprios que destinou ao local, a Universidade promoveu uma parceria com o Fundo Estadual de Recursos Hídricos (Fehidro) para construção do prédio da pós-graduação.

No câmpus funcionam atual-



Reprodução

Unesp investiu R\$ 9,5 milhões nas instalações do local

mente os cursos de graduação e pós-graduação em Geografia. Na inauguração, o reitor Valentini enfatizou que, com a nova estrutura, é necessário planejar a implantação de mais um curso. "Podemos pensar um segundo curso, para atender à demanda regional, um curso que venha a se articular bem com o curso já implantado aqui, aproveitando a competência acadêmica já instalada", afirmou.

HISTÓRICO

De agosto de 2003 a agosto de 2005, o Câmpus de Ourinhos funcionou provisoriamente em um imóvel da prefeitura. Em março de 2005, com projeto técnico e arquitetônico aprovado pelo escritório técnico da Assessoria de Plane-

jamento e Orçamento da **Unesp**, a prefeitura iniciou a construção do novo câmpus, em terreno da administração municipal.

Em 2009, o então reitor da **Unesp**, Herman Jacobus Cornelis Voorwald, anunciou a construção do novo câmpus nos anos seguintes, em terreno já pertencente à Universidade, situado nas proximidades do Distrito Industrial II e que havia sido doado à prefeitura em 2004. A construção foi aprovada pelo Conselho Universitário em 10 de dezembro de 2009, dentro da Proposta Orçamentária de 2010.

Veja reportagem da TV Unesp sobre a inauguração em: <https://goo.gl/WVaUXL>.

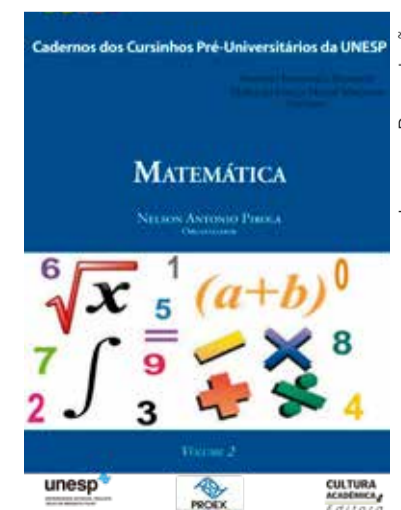
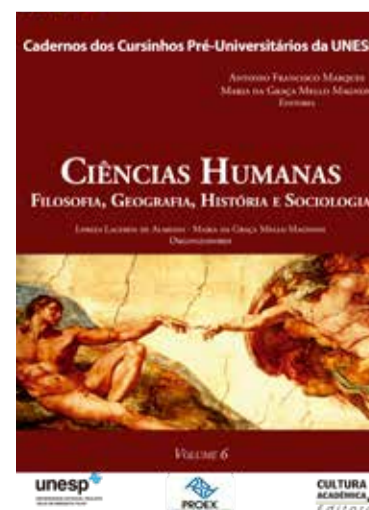
Cadernos dos Cursinhos lançam segunda edição

A Pró-reitoria de Extensão Universitária produziu a segunda edição dos Cadernos dos Cursinhos da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" (Unesp), organizada sob a responsabilidade de uma equipe de professores e professoras da Universidade. A nova edição, ampliada e revisada, é composta por sete cadernos, dois a mais que na primeira edição: Linguagens e Códigos. Língua Portuguesa e Língua Inglesa; Ciências da Natureza. Biologia; Ciências da Natureza. Física; Ciências da Natureza. Química; Matemática; Ciências Humanas. Filosofia, Geografia,

História e Sociologia; e Caderno de Material Complementar e de Apoio.

Os cadernos, em sua versão impressa, serão disponibilizados gratuitamente aos alunos e alunas matriculados nos cursinhos da Unesp em 2017, com exceção do sétimo caderno, que traz questões de vestibulares e do ENEM e que será distribuído somente em formato digital.

A versão digital de todos os cadernos pode ser acessada por meio da página da Pró-reitoria de Extensão Universitária, no link: <https://goo.gl/56KjaO>



Imagens Reprodução

Prêmio pela carreira em Fitopatologia



Maringoni (*dir.*), após receber a homenagem: três décadas de trabalho

O professor Antonio Carlos Maringoni, do Departamento de Proteção Vegetal da Faculdade de Ciências Agrônomicas (FCA) da **Unesp**, Câmpus de Botucatu, recebeu o Prêmio Paulista de Fitopatologia, durante o 40º Congresso Paulista de Fitopatologia, realizado no Instituto Agrônomico de Campinas (IAC), de 7 a 9 de fevereiro.

Essa premiação é concedida anualmente pela Associação Paulista de Fitopatologia (APF) a pesquisadores com atuação destacada e relevantes serviços prestados na área. A entrega do prêmio foi feita por Marcelo Agenor Pavan, também docente da FCA.

“O prêmio é fruto de um trabalho em equipe desenvolvido nas três últimas décadas”, declara Maringoni. Ele enfatiza a transformação científica que testemunhou nesse período: “Percebemos uma grande evolução das técnicas para diagnose de patógenos causadores de doenças em plantas e uma evolução mais racional dos métodos de controle de doenças de plantas, além de um maior comprometimento com o

ambiente”, argumenta.

O professor Maringoni é engenheiro agrônomo formado pela FCA/**Unesp** em 1981. Obteve os títulos de mestre (1986) e doutor em Fitopatologia (1993) pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/USP, e de livre-docente em Fitopatologia (2000) pela **Unesp**.

É docente da FCA desde 1988 e ocupa o cargo de professor titular desde 2010. Desenvolve pesquisas nas linhas de etiologia, ecologia de fitopatógenos e controle de doenças, com ênfase em bactérias fitopatogênicas. É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Orientou mais de 40 alunos de graduação, 16 dissertações, 15 teses e duas supervisões de pós-doutorado.

Tem 201 trabalhos e resumos em eventos científicos, 100 artigos em periódicos indexados nacionais e internacionais, 16 capítulos de livros e dois livros publicados. É assessor científico/parecerista “ad hoc” de CNPq, Fapesp, Capes, CBAB, **Unesp**, USP e de 25 periódicos nacionais e internacionais.

Eleitas para Sociedade de Fonoaudiologia

Luiz Gustavo Leme

Em fevereiro, a Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (SBFa) divulgou o resultado das eleições para a Diretoria Executiva, a Comissão de Ensino, os Departamentos e o Conselho Administrativo, para o triênio 2017-2019. Simone Capellini e Gisele Donadon Germano, docentes da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da **Unesp**, Câmpus de Marília, foram eleitas para o Departamento de Fonoaudiologia Educacional.

Simone e Gisele compunham a Chapa 1 – Unidos pela Fonoaudiologia Educacional, que propunha em sua plataforma de gestão identificar e fortalecer os núcleos de atuação regional e nacional da área vinculados aos cursos de graduação e programas de pós-graduação, para difusão de conhecimentos científicos pertinentes no Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia e Congresso Internacional de Fonoaudiologia.

A chapa das professoras também destacou a promoção de espaços para debates e reflexões sobre a pluralidade de enfoques da atuação do fonoaudiólogo educacional, privilegiando a interface da área da saúde e da educação. E, ainda, enfatizou a prática baseada em evidência científica



Simone (*esq.*) e Gisele: propostas para a Fonoaudiologia Educacional

e educacional, além de suporte didático-científico para o desenvolvimento de campanhas, seminários, cursos e palestras sobre a atuação do fonoaudiólogo educacional e criação de grupos temáticos para discussões científicas no Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia e Congresso Internacional de Fonoaudiologia.

Para o Departamento de Linguagem da SBFa, a docente Cristiane Moço Canhetti de Oliveira, também da FFC, foi escolhida vice-coordenadora do Comitê de Fluência. O resultado das eleições da SBFa consolida a atuação de docentes e pesquisadores da **Unesp** de Marília na Sociedade, que tem na última gestão a professora Célia Maria Giacheti como vice-presidente da Diretoria Executiva.

SEMPRE UNESP

Espaço de quem tem, para quem precisa

Depois que se formou no curso de Administração de Empresas no Câmpus de Tupã da **Unesp**, Franz Bories passou a conciliar sua rotina entre o trabalho numa empresa de Tecnologia da Informação (TI) e as apresentações como baterista e percussionista. “Eu toco em eventos como casamentos e em bares em locais como Vila Olímpia e Vila Mariana, em São Paulo”, relata.

No entanto, como morava num flat de 27 m², Bories enfrentava problemas para guardar instrumentos como bateria, djembê e cajón. Uma opção para resolver isso seria deixar os instrumentos num local de self-storage ou guarda-

-volumes. “Mas alugar esses espaços é muito caro; o metro quadrado chega a ser o dobro do que o de uma moradia”, acentua. “Além disso, esses espaços costumam ficar em locais de difícil acesso.”

Diante desse problema, Bories teve a ideia de criar uma startup para atuar no modelo de economia compartilhada, no qual as pessoas que precisam guardar suas coisas podem se conectar com quem dispõe do espaço para ceder.

O administrador passou então a procurar parceiros para a criação da empresa. “Eu recrutei pessoas de confiança, colegas de um MBA que eu fiz na USP e companheiros do meu trabalho”, recorda. Dessa ma-

neira, com Bories e mais quatro cofundadores, nasceu a Wish a Storage, que opera com seu aplicativo desde dezembro do ano passado. Entre suas atribuições, a empresa avalia as condições e localização do imóvel com espaço disponível e providencia a instalação dos itens que forem necessários nesse espaço.

A empresa integra um programa de aceleração, o Startup Farm. “Eles estão fazendo o acompanhamento das nossas atividades e podem ficar com uma parte do negócio e nos conectar a uma rede de investidores”, explica Bories, que é o CEO da Wish a Storage. A startup foca sua ação na Grande São Paulo e, até o fim de março, tinha validado 30 transações.



Franz Bories (*esq.*) e os demais cofundadores da Wish a Storage

“Esse número é um excelente indicativo de validação de negócios”, assegura.

Formado em 2012, Bories enfatiza que o curso de Tupã foi muito importante no seu preparo profissional, destacando a grade curricular e a ligação entre a teoria e a prática. “Nós fazíamos estudos de viabilidade das empresas, por exemplo,

e visitamos muitos locais”, afirma. “Essa formação foi fundamental para eu tocar os negócios na nossa startup.”

Informações:
Franz Bories – Cofundador
<franz@wishastorage.com.br>
11 98205-8262

Homenagem ao talento

Pianista e compositor, aluno de doutorado está entre agraciados com a Comenda Carlos Gomes

Divulgação



Sant'Ana compõe, ensina e estuda autores como Almeida Prado

Compositores, instrumentistas, maestros e compositores do Brasil foram homenageados no dia 2 de março com a Comenda Carlos Gomes, importante distinção concedida pela Sociedade Brasileira de Artes, Cultura e Ensino (SBACE). Entre os que receberam a distinção está Edson Hansen Sant'Ana, pianista, arranjador, regente, compositor e professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT). Atualmente, ele realiza seu doutorado no Instituto de Artes (IA), Câmpus da Unesp de São Paulo.

“Como músicos, sempre

achamos que não fizemos nada, e que tem muita coisa a ser feita, mas o prêmio serve como uma pontuação em sua história, um certo senso de contribuição prestada, seja pouco ou muito o que você tenha feito quanto aos serviços no campo da música”, comenta Sant'Ana. Ele ressalta que, ao longo de quase 33 anos de carreira, contribuiu para a formação de musicistas amadores, alguns profissionais e outros inseridos na carreira acadêmica. “No fundo, você não fica medindo o alcance de seu trabalho. Isso pode ser melhor contado pelos outros que você serviu”, conclui.

O músico estudou Composição com Sérgio de Vasconcellos-Corrêa, Raul do Valle, Damiano Cozzella e Almeida Prado. Em 1996, graduou-se em primeiro lugar no curso de Composição pela Unicamp. Como compositor, produziu, entre outras obras, *Batendo em cinco*, *Sonata n.º 1*, *Sonata n.º 2*, *Quarenta variações*, *Vaso de flor perfeita*, *Bem aventuranças*, *Painéis sonoros* e *Choro torto*. Compôs também uma série de obras para o segmento sacro-evangélico – músicas para solos vocais, músicas para coro e piano.

Em seu doutorado, Sant'Ana aprofunda sua pes-

quisa sobre a “concepção intervalar” em Almeida Prado, tema que tem abordado em inúmeros artigos em periódicos de música. Sua pesquisa também abarca questões de teoria, análise e musicologia. Mantém trabalhos e práticas relacionados à educação musical sobre o ensino coletivo de instrumento – flauta-doce e teclado –, harmonia, arranjo e improvisação.

Contato de Edson Hansen Sant'Ana:
<edhansen_2000@hotmail.com>

Aplicativo facilita vida de calouros

Paola Vantini – Assessoria de Imprensa – FCAV/Unesp

Divulgação

Aparelhos celulares apresentam um número crescente de aplicativos, que realizam as mais diversas funções. Pensando nisso, Augusto Silva e Julia Lopes, dois estudantes da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) da Unesp, Câmpus de Jaboticabal, tiveram a ideia de criar um aplicativo para facilitar a vida dos novos ingressantes da Faculdade.

Com o projeto aprovado e apoiado pela diretoria do câmpus, os dois alunos organizaram uma equipe com membros do Grupo Integração Empresa Universidade (GIEU) e mais dois estudantes de cada curso, que contribuíram para que a proposta fosse colocada em prática.

No aplicativo é possível visualizar desde informações básicas sobre os cursos, horários de funcionamento, mapas, linhas de ônibus, telefones úteis até depoimentos de alunos do câmpus.

“O objetivo do aplicativo é criar uma plataforma de fácil acesso aos calouros com informações gerais úteis e de qualidade. Também buscamos, através do aplicativo, incentivar o calouro a fazer escolhas



App fornece dados sobre cursos, ônibus e telefones úteis

inteligentes de ocupação do seu tempo durante a faculdade”, diz Julia, a coordenadora do projeto.

A novidade está disponível gratuitamente para download nas principais plataformas de aplicativos para iOS e Android, basta colocar o nome *Manual do Calouro – FCAV* e baixar.

Aluno é elogiado na Inglaterra

Vinicius dos Santos – Assessoria de Comunicação e Imprensa da FMB

Divulgação

Ele tem 23 anos, está no sexto ano do curso de Medicina e durante 30 dias, entre os meses de setembro e outubro de 2016, realizou um estágio optativo na Keele University, na Inglaterra. Antonio Cesar Rodrigues Almendra é aluno da Faculdade de Medicina (FM), do Câmpus da Unesp de Botucatu, atualmente está na fase final do internato (o último ano de Medicina) e pretende se especializar ingressando em um programa de residência médica em cirurgia.

A Keele University possui o terceiro melhor curso de Medicina da Inglaterra. O estágio de Antonio foi viabilizado graças a uma parceria entre a FM, por meio do Escritório de Relações Internacionais (ERI), e a instituição inglesa. O estágio de estudantes tem a finalidade de aperfeiçoar o conhecimento dos futuros médicos e faz parte do programa de internacionalização mantido pela Faculdade.

O aluno de graduação classifica o modelo do sistema de saúde inglês como “diferenciado”. “É uma experiência única. Comparando com hospitais particulares e outras formas de atendimento que não sejam públicas no Brasil, é bem diferenciado”, diz. Ainda de acordo com Anto-



Antonio Cesar realizou estágio optativo na Keele University

nio, as “relações interpessoais são muito bem trabalhadas”, “os equipamentos são muito mais elaborados” e o treinamento de profissionais, “especialmente os não médicos”, se caracteriza como um dos itens diferenciais do modelo inglês.

CARTAS

Durante o mês em que esteve na universidade inglesa, Antonio realizou atendimento básico e hospitalar nas mais diversas áreas da medicina. Ele conta que recebia os pacientes, fazia uma avaliação e discutia alguns casos com o professor responsável por supervisioná-lo

no estágio.

Um dos atendimentos realizados pelo aluno da FM culminou com uma carta de agradecimento pela forma como Antonio conduziu sua ação na consulta. “Ele (paciente) me achou extremamente educado, gostou muito da linguagem, do desenvolvimento da medicina e do contato que mantivemos durante o atendimento”, explica.

Na carta, o paciente atendido por Antonio ressaltou que “os estudantes estrangeiros são de grande qualidade” e que “enobrecem o sistema de saúde inglês e o conhecimento médico”.

AGÊNCIA UNESP DE INOVAÇÃO

Curso para profissionais de Núcleos de Inovação Tecnológica



A Unesp, em parceria com a Rede Inova São Paulo, está oferecendo um curso para capacitar o pessoal envolvido com a gestão de propriedade intelectual nos Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs). Com carga horária de duas horas, o curso on-line é gratuito e tem como instrutores Fabiola de Moraes Spiandrello e Vitor Kopp, respectivamente, gerente de Propriedade Intelectual e analista de Tecnologia da Agência Unesp de Inovação (AUIN). O

curso tem como temas processo de transferência de tecnologia, papel dos NITs, avaliação tecnológica, avaliação técnica/crítica de tecnologias acadêmicas e construção prática de elementos constituintes da gestão tecnológica acadêmica, entre outros.

A Rede Inova é um grupo que reúne os NITs de universidades e institutos de pesquisa do Estado, apoiando-os para trabalhar em projetos inovadores em colaboração com empresas, promovendo a capacitação de seus membros.

A Rede é responsável pelo Projeto Inova Capacita, que organiza atividades de capacitação e fomento à inovação, empreendedorismo, criação de startups e serviços prestados aos integrantes das Instituições de Pesquisa Científica e Tecnológica (ICTs). O Projeto é financiado pelo CNPq.

Mais informações em
<<https://goo.gl/vooOF3>>.

Egressos relatam experiências no setor público

Marcos Jorge

Um grupo de egressos do curso de Arquitetura e Urbanismo participou, no dia 17 de março, da primeira atividade da série "Percurso", que pretende trazer a experiência de ex-alunos ao debate acadêmico. A iniciativa vai ao encontro da estratégia da Universidade de se aproximar de seus egressos e lançou a proposta de um curso de especialização em Arquitetura e Urbanismo voltado para Políticas Públicas.

Ex-alunos da FAAC apresentaram suas experiências em cargos de gestão municipal e nacional. O retorno desses alunos foi celebrado pela pró-reitora de Graduação, professora Gladis Massini-Cagliari. "O egresso é a propaganda da universidade. Além disso, ele traz ao aluno em formação experiências do mercado e um olhar realista que o docente e a universidade não conseguem reproduzir", apontou a gestora. Gladis explicou ainda que a situação dos egressos é um indicador importante na avaliação dos cursos de graduação e para os rankings internacionais, além de colaborar no combate à evasão universitária.

Para o docente Adalberto da Silva Retto Jr., a presença dos egressos colabora para a formação crítica de um projeto de cidade contemporânea não apenas para os estudantes, mas para as prefeituras em geral. Ele apresentou a proposta de um curso de especialização de arquitetura e urbanismo em políticas públicas, que foi levado depois



Marcos Jorge

Ex-alunos: evento teve proposta de curso de especialização

ao Fórum de Prefeitos da Unesp, no dia 30 de março. O curso seria voltado para servidores de secretarias e órgãos de gestão das prefeituras.

DEPOIS DA UNESP

Formado em 2001, Daniel Montandon relatou sua experiência na elaboração do Plano Diretor na última gestão da Prefeitura de São Paulo. O plano, explica, incorporou alguns conceitos do Estatuto das Cidades, como o caráter social da propriedade privada.

Colega de turma de Montandon, Felipe Francisco de Souza comparou o planejamento urbano à lenda do cavalo de Troia. "Ele é vendido como um bem para a população, mas ao longo de sua aplicação em geral serve a grupos específicos ou interesses políticos pouco claros", ressaltou o egresso, que trabalhou na Prefeitura de São Paulo e prestou consultoria para o Programa Habitat, da ONU.

Alex Marques Rosa se formou em 1999 e trouxe para o debate a experiência na gestão pública em pequenas e médias cidades, no caso Embu das Artes e Limeira, em São Paulo. O desafio nesse contexto, segundo o ex-aluno, é realizar o trabalho com poucos recursos, diante de questões sérias de moradia. Essa situação lhe rendeu um conhecimento valioso na área de mutirões populares. "O arquiteto nesses casos não faz só projetos. Nossa formação nos permite estabelecer contatos para soluções entre pessoas e grupos", afirma.

Apesar da formação em arquitetura, a ex-aluna Andréa Julia Soares se especializou em engenharia de trânsito. A egressa relatou sua experiência na Secretaria de Transportes de Limeira, onde foi responsável por aplicar um novo sistema de ônibus que incluiu, por exemplo, o redesenho das linhas e a renovação da frota.



GOVERNADOR: Geraldo Alckmin
SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA
SECRETÁRIO: Márcio França

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
'JÚLIO DE MESQUITA FILHO'

REITOR: Sandro Roberto Valentini
VICE-REITOR: Sergio Roberto Nobre
PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO: Leonardo Theodoro Büll
PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO: Gladis Massini-Cagliari
PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO: João Lima Sant'Anna Neto
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA:
Cleopatra da Silva Planeta
PRÓ-REITOR DE PESQUISA: Carlos Frederico de Oliveira Graeff
SECRETÁRIO-GERAL: Arnaldo Cortina
CHEFE DE GABINETE: Carlos Eduardo Vergani
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
E IMPRENSA: Oscar D'Ambrosio
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA DE INFORMÁTICA:
Edson Luiz França Senne
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA JURÍDICA:
Edson César dos Santos Cabral
ASSESSOR-CHEFE DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO:
José Roberto Ruggiero
ASSESSOR-CHEFE DE RELAÇÕES EXTERNAS:
José Celso Freire Júnior
ASSESSOR ESPECIAL DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO:
Rogério Luiz Buccelli
DIRETORES/COORDENADORES-EXECUTIVOS DAS UNIDADES
UNIVERSITÁRIAS:
Max José de Araújo Faria Júnior (FMV-Araçatuba),
Wilson Roberto Poi (FO-Araçatuba), Luis Vitor Silva do
Sacramento (FCF-Araçatuba), Elaine Maria Sgavioli
Massucato (FO-Araçatuba), Cláudio César de Paiva (FCL-
-Araçatuba), Eduardo Maffud Cilli (IQ-Araçatuba),
Andréa Lúcia Dorini de Oliveira (FCL-Assis), Marcelo
Carbone Carneiro (FAAC-Bauru), Dagmar Aparecida
Cynthia França Hunger (FC-Bauru), Edson Antonio
Capello Sousa (FE-Bauru), Carlos Frederico Wilcken
(FCA-Botucatu), Pasqual Barretti (FM-Botucatu), Maria Dalva
Cesario (IB-Botucatu), José Paes de Almeida Nogueira
Pinto (FMVZ-Botucatu), Paulo Alexandre Monteiro
(FCAT-Dracena), Célia Maria David (FCHS-Franca), Mauro
Hugo Mathias (FE-Guaratinguetá), Rogério de Oliveira
Rodrigues (FE-Ilha Solteira), Antonio Francisco Savi
(Itapeva), Pedro Luís da Costa Aguiar Alves (FCAV-
-Jaboticabal), Marcelo Tavella Navega (FFC-Marília),
Edson Luís Piroli (Ourinhos), Marcelo Messias (FCT-
-Presidente Prudente), Patrícia Gleydes Morgante
(Registro), Cláudio José Von Zuben (IB-Rio Claro), José
Alexandre de Jesus Perinotto (IGCE-Rio Claro), Guilherme
Henrique Barris de Souza (Rosana), Maria Tercília Vilela
de Azeredo Oliveira (Ibilce-São José do Rio Preto),
Estevão Tomomitsu Kimpara (ICT-São José dos Campos),
Valerie Ann Albright (IA-São Paulo), Rogério Rosenfeld
(IFT-São Paulo), Marcos Antonio de Oliveira (IB/CLP-São
Vicente), Eduardo Paciência Godoy (ICT-Sorocaba) e
Danilo Fiorentino Pereira (FCE-Tupã).

jornalunesp

EDITOR: André Louzas
REDAÇÃO: Marcos Jorge e Maristela Garmes
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: Luiz Gustavo Leme, Paola
Vantini e Vinicius dos Santos (texto); Bob Sousa, Daniel Patire,
Fabiana Manfrim e Julian Lepick (foto)
EDIÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO: Phábrica de Produções
(diretores de arte: Alecsander Coelho e Paulo Ciola)
(diagramadores: Ércio Ribeiro, Icaro Bockmann, Kauê
Rodrigues, Marcelo Macedo e Rodrigo Alves)
REVISÃO: Maria Luiza Simões
PRODUÇÃO: Mara Regina Marcato
ASSISTENTE DE INTERNET: Marcelo Carneiro
APOIO ADMINISTRATIVO: Thiago Henrique Lúcio
TIRAGEM: 6 mil exemplares
Este jornal, órgão da Reitoria da Unesp, é elaborado
mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa
(ACI). A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é
permitida, desde que citada a fonte.

ENDEREÇO: Rua Quirino de Andrade, 215, 4.º andar, Centro,
CEP 01049-010, São Paulo, SP. Telefone: (11) 5627-0323.
HOME PAGE: <http://www.unesp.br/jornal>
E-MAIL: jornalunesp@reitoria.unesp.br

IMPRESSÃO: 46 Indústria Gráfica

VEÍCULOS

Unesp Agência de Notícias:
<<http://unan.unesp.br/>>
Rádio Unesp:
<<http://www.radio.unesp.br/>>
TV Unesp:
<<http://www.tv.unesp.br/>>

ORQUESTRAS FORA DO TOM

Julian Lepick



Distância da sociedade, gestão inadequada e erros de políticas culturais estão entre causas da redução desses conjuntos musicais na Região Metropolitana de São Paulo, segundo pesquisadora

Oscar D'Ambrosio

A redução do número de orquestras profissionais mantidas por organismos públicos na Região Metropolitana de São Paulo, no período 2000 a 2016, é o ponto de partida de tese de doutorado de Camila Carrascoza Bomfim, defendida no Programa de Pós-graduação em Música do Instituto de Artes (IA) da **Unesp**.

Sob orientação do professor Marcos Fernandes Pupo Nogueira, a pesquisa, intitulada "A música orquestral, a metrópole e o mercado de trabalho: o declínio das orquestras profissionais subsidiadas por organismos públicos na Região Metropolitana de São Paulo de 2000 a 2016", mostra diversas facetas da redução de 12 orquestras em atividade apoiadas pelo governo, a partir de 1949, para sete, em 2016.

Um dos motivos relacionados é o baixo enraizamento dessas orquestras na comunidade e a manutenção dos valores da "alta cultura" no meio musical. "Haveria a necessidade de uma mudança comportamental das orquestras no sentido de uma conscientização por parte dos músicos em relação à situação iminente do afastamento do público", diz Camila. De acordo com a pesquisadora, eles poderiam empreender ações que possibilitassem um estreitamento de suas atividades com a comunidade do seu entorno, no sentido de valorização das práticas musicais clássicas.

Segundo Camila, no século XXI, houve um distanciamento



Acervo Theatro Municipal

No alto, a Orquestra Jazz Sinfônica e, acima, a Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo, em 1949: músicos do setor deveriam mudar atitudes diante do afastamento do público

das orquestras não só da sociedade, mas também dos organismos governamentais, além da menor vinculação da música clássica orquestral a valores associados a um "potencial civilizatório". "A consequência é uma dissolução dos valores ligados à 'alta cultura' que fundamentaram a criação e a própria existência das orquestras profissionais", diz.

A tese também ressalta como causa da dissolução das orquestras profissionais públicas a política cultural nacional das últimas décadas, voltada para a criação e a manutenção de orquestras jovens, com músicos entre 15 e 29 anos de idade, e de orquestras profissionais de alto impacto. "As

orquestras jovens são carregadas de contextos educacionais e vistas frequentemente como ferramentas de inserção social para ocupar o tempo ocioso do jovem de baixa renda", explica.

Outro motivo da crise seria um discurso pela busca de um padrão internacional, com relação à performance, das orquestras jovens e das profissionais. "Esse discurso da internacionalização mina a existência de orquestras que difiram desse padrão", aponta a pesquisadora do IA.

Um último fator para redução das orquestras públicas profissionais está relacionado à indústria fonográfica e ao advento das eras digital e midiática. A tese apre-

senta dados que mostram como o consumo brasileiro de música clássica representa uma das categorias menos lucrativas de música no Brasil. "As gravações brasileiras de orquestras são realizadas mais com a finalidade de divulgação e fortalecimento do trabalho do que visando a uma receita econômica", atesta Camila.

A pesquisadora enfatiza que a metrópole paulistana voltou seus teatros, músicos e regentes para um repertório europeu consagrado, sem construir caminhos para uma base que sustentasse o interesse da sociedade pela sua existência, o que poderia ter acontecido pela preparação de futuras gerações de público nas escolas ou pelo plane-

jamento de uma real sustentação financeira de suas atividades.

"Sem programas eficientes de formação de plateias, de educação musical, de popularização de repertório e dos espetáculos, as orquestras paulistanas foram constituídas a serviço de uma elite intelectual e/ou econômica", conta Camila. "O século XX acabou acumulando uma história de orquestras caras que executavam um repertório que não causava empatia com a maior parte da sociedade."

Nesse cenário, a pesquisa evidencia que a situação de diminuição do número de orquestras públicas não é fruto de uma crise econômica, e exige uma transformação na forma de sua gestão, pois elas contarão cada vez com menos subsídios dos governos, seja na esfera federal, estadual ou municipal. "As orquestras provavelmente terão, no decorrer dos próximos anos, que se aproximar de mecanismos de autogestão se quiserem sobreviver", afirma Camila.

"A independência financeira dos organismos orquestrais só acontecerá no momento em que exista uma capacidade de gerenciamento por parte de seus integrantes pelo estímulo do trabalho colaborativo e da capacitação e conscientização da real situação por parte dos organismos orquestrais. Desse modo, a comunidade musical se envolveria nessas questões, não como espectador, mas como ator das políticas públicas em sua própria comunidade", conclui a pesquisadora.

2

PÁGINA

Década Internacional de Afrodescendentes

Wellington Anselmo Martins e Lueluí Aparecida de Andrade

Entrevista com Juarez Tadeu de Paula Xavier

3

PÁGINA

Por uma maior abordagem (interativa) na literatura africana
Pedro Panhoca da Silva

4

PÁGINA

As culpas pelos males do mundo

Jean Marcel Carvalho França

FÓRUM



Shutterstock

EM BUSCA DA IGUALDADE

Combater preconceitos é uma tarefa árdua, mas inevitável para o avanço das condições de vida da sociedade. No caso brasileiro, a luta contra o preconceito racial tem uma função essencial para a superação do quadro de injustiça em que vive a grande maioria da população afrodescendente do país. As próximas páginas trazem

análises sobre dimensões desse desafio, entre as quais o desinteresse dos meios de comunicação pela Década Internacional de Afrodescendentes, estabelecida pela Organização das Nações Unidas para se estender de 2015 a 2024. Também ganham destaque a necessidade de maior valorização da literatura da

África e o fato de que a escravidão de africanos não foi uma prática exclusiva dos europeus. Enfim, são apresentadas as medidas que a **Unesp** vem adotando nesse contexto, como, por exemplo, o Sistema de Reserva de Vagas, que garante maior acesso de estudantes negros, pardos e indígenas aos cursos da Universidade.

DÉCADA INTERNACIONAL DE AFRODESCENDENTES

Wellington Anselmo Martins e Lueluí Aparecida de Andrade



Shutterstock

Onde estão as pessoas negras na grande mídia brasileira? Como são representadas pela nossa imprensa? Em que quantidade se fala dos afrodescendentes? Grandes meios de comunicação, como a *Folha de S.Paulo* e o portal *EBC*, estão dedicando espaço para promover a “Década Internacional de Afrodescendentes”?

Em Assembleia Geral, a ONU estabeleceu uma extensiva campanha de conscientização. Registrada na Resolução 68/237, as Nações Unidas proclamaram, de 2015 a 2024, a Década Internacional de Afrodescendentes. Com o avanço do racismo e da xenofobia no mundo contemporâneo, não basta apenas um único dia do ano dedicado à consciência negra. Do 20 de novembro, passa-se agora para uma década inteira tematizada pela afrodescendência.

A palavra afrodescendente refere-se “às pessoas que descendem de africanos, especificamente da África negra; muitas dessas pessoas que foram trazidas para a América como escravos” (*Dicionário Aurélio*, 2010). Extensivamente, o termo afrodescendência também se aplica a todos os que se inspiram na cultura negra, na sua estética e nas suas religiões: o cabelo afro, as roupas tradicionais, os rituais e, claro, a black music.

A Década Internacional de Afrodescendentes tem por objetivo geral, segundo as Nações Unidas, “reforçar a participação de pessoas negras de modo pleno e igualitário em todos os aspectos da sociedade: econômicos, sociais, culturais, civis e políticos, sempre promovendo o reconhecimento da irrevogabilidade dos Direitos Humanos universais” (*Afro-década*. ONU, 2016).

Nesse sentido, eleva-se, principalmente, o imperativo de que “Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie: seja de raça, cor, origem nacional ou nascimento” (Artigo II) e, ainda, especificamente, “Ninguém será mantido em escravidão ou servidão; a escravidão e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas” (Artigo IV), da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, da qual o Estado brasileiro é signatário e promotor.

Após analisar a cobertura feita pela grande mídia brasileira sobre a Década Internacional de Afrodescendentes, chega-se ao resultado de que, de 1.º de janeiro de 2014 até 31 de outubro de 2016, o jornal *Folha de S.Paulo* fez cinco publicações citan-

O mundo democrático não deve mais tolerar aqueles que são intolerantes

do a “Década Internacional de Afrodescendentes”, enquanto o portal *EBC*, no mesmo período, fez treze publicações. Tais dados midiáticos tão escassos, para um período de quase três anos, salientam a desatenção desses meios de comunicação com relação à campanha mundial apresentada pela ONU.

Ou seja, continua-se hoje reproduzindo a contradição histórica: discursa-se pela afirmação dos direitos humanos, mas às vezes pratica-se uma participação social desumana ou, mesmo, racista. Tal contradição não é exclusividade atual. O eminente humanista Immanuel Kant (1724-1804), um dos alicerces da noção de dignidade da pessoa humana, já chegou a escrever quando jovem: “Os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo. Tão essencial é a diferença entre essas duas raças humanas, que parece ser tão grande em relação às capacidades mentais quanto à diferença de cores” (Kant. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, 1990).

Enfim, afirma-se por isso a necessidade de promoção da Década Internacional de Afrodescendentes. Afirma-se o direito de a pessoa negra ter espaço na grande mídia. Afirma-se a inalienabilidade dos direitos humanos que, com a sua implementação, repudiam necessariamente toda e qualquer forma de racismo e xenofobia. O mundo democrático não deve mais tolerar aqueles que são intolerantes.

Wellington Anselmo Martins, mestrando em Comunicação (*Unesp*); graduado com licenciatura plena em Filosofia (USC); bolsista de pesquisa de pós-graduação (Capes). Contato: am.wellington@hotmail.com.

Lueluí Aparecida de Andrade, graduada em Direito (ITE), graduada em Comunicação Social/Jornalismo (*Unesp*), mestranda em Comunicação (*Unesp*).

Este texto está disponível no “Debate acadêmico” do *Portal Unesp*, no endereço: <<https://goo.gl/p1FKeH>>.

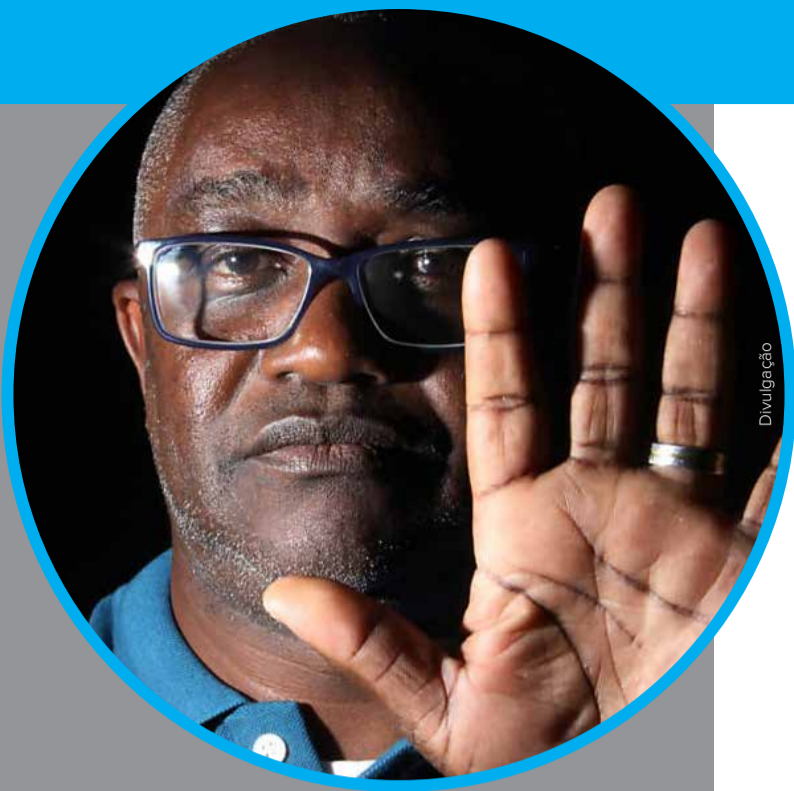
SISTEMA UNIVERSITÁRIO DEVE PROMOVER DIVERSIDADE

JUAREZ TADEU DE PAULA XAVIER
Por Oscar D'Ambrosio

A promoção e o respeito à diversidade no ambiente universitário é uma das preocupações básicas de Juarez Tadeu de Paula Xavier, professor da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da *Unesp* de Bauru, coordenador executivo do Núcleo Negro da *Unesp* para Pesquisa e Extensão (NUPE) e assessor da Pró-reitoria de Extensão Universitária da *Unesp*. Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela PUC-SP, com mestrado e doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina da USP, com ênfase em Comunicação e Cultura, Xavier é ainda pesquisador do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da USP.

CADERNO FÓRUM: A *Unesp*, por intermédio da sua Pró-reitoria de Extensão Universitária e do NUPE, promoveu o evento “Dia Internacional contra a Discriminação Racial”, dia 21 de março, na Reitoria, em São Paulo (SP) (ver reportagem à página 11 do *Jornal Unesp*). Quais foram os objetivos?

JUAREZ TADEU DE PAULA XAVIER: O evento foi vinculado a dois aspectos de atividades que estamos desenvolvendo na *Unesp*. O primeiro foi uma ideia muito boa da Assessoria de Comunicação e Imprensa: a adesão da *Unesp*, em 2015, à Década Internacional do Afrodescendente da ONU, realizando uma série de atividades com foco na questão étnico-racial, que se estendem até 2024. O segundo é a conexão da atividade com um projeto, chamado Educação para a Biodiversidade, que a atual gestão da Universidade tem como objetivo implementar. O evento do dia 21 de março, portanto, foi o primeiro de uma série de debates que visam discutir a questão na alta, média e baixa gestão da *Unesp*. O primeiro debate se deu no Dia Internacional da Luta contra o Racismo. A ideia é marcar uma posição na questão. Por isso, estiveram presentes, como convidados externos, Rodrigo de Carvalho, representando o deputado federal Orlando Silva, que atuou em Comissão Parlamentar de Inquérito federal que avaliou e investigou a violência contra jovens e adolescentes negros no Brasil, e a deputada estadual Leci Brandão, que fez parte dessa comissão no Estado de São Paulo. Os próximos debates vão discutir liberdade religiosa e questões de direitos humanos, diversidade e identidade de gênero. Queremos fazer uma ampla agenda que permita a discussão de temas que mostrem como uma universidade de pesquisa precisa da diversidade como fonte de criação intelectual.



Divulgação

Unesp supera meta de inclusão de pretos, pardos e indígenas

CF: Como a Unesp se coloca hoje perante a questão racial?

XAVIER: O Sistema de Reserva de Vagas na **Unesp** está em fase de implantação e atingirá a totalidade de inclusão de 50% de estudantes oriundos de escolas públicas, dos quais 35% deverão ser PPIs, apenas no vestibular para ingresso em 2018. A aplicação de reserva de vagas de 15%, 25%, 35% e 45% aos estudantes oriundos das escolas públicas ingressantes em 2014, 2015, 2016 e 2017, respectivamente, manteve sempre a proporção de 35% PPIs. A meta de 2016, por exemplo, foi superada, atingindo 55,6% de PPIs, dentro da reserva para os estudantes oriundos de escolas públicas (leia texto à página 3 do *Jornal Unesp*).

CF: O que vem sendo feito para aprimorar o sistema?

XAVIER: Frente aos desdobramentos da política de reserva de vagas adotada pela **Unesp**, no que se refere à autodeclaração racial (preto, pardo e indígena – PPI) e às denúncias de falsidade nelas contidas, a **Unesp** criou, pela Portaria Unesp de 6/12/2016, uma Comissão Temporária Assessora do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da Universidade para tratar de assuntos étnicos. A Comissão vem apurando denúncias de crime de falsidade ideológica nas autodeclarações que chegam via Diretorias Técnico-Acadêmicas e Ouvidorias da Universidade, assim como de grupos coletivos internos e externos à Universidade. Os responsáveis, se o delito for comprovado, podem ser punidos inclusive com expulsão da instituição.

POR UMA MAIOR ABORDAGEM (INTERATIVA) NA LITERATURA AFRICANA

Pedro Panhoca da Silva



Shutterstock

"**D**ramas interativos", como são conhecidos, não são novidade para o público leitor. Desde 1929, com o lançamento do livro *The Roman hat mystery* (Ellery Queen), o mundo sabe como é poder ler sem seguir a ordem numérica sequencial. Mais do que quebra de tradicionalismo, esses livros "terceirizam" ao leitor o rumo de como a narrativa deve seguir [...].

Longe de ser mera literatura infantil, tal modo de construção narrativa foi adotado por grandes nomes da literatura mundial, como Jorge Luis Borges (o conto *Exame da obra de Herbert Quain*, encontrado em seu livro *Ficções*, é tido como a principal manifestação desse tipo na literatura) e Julio Cortázar (*O jogo da amarelinha*). Também foi usado em livros de conteúdos acadêmicos nos anos 50 e 60 nas séries conhecidas como "teach yourself", por autores da área das ciências exatas como Norman A. Crowder (*The arithmetic of computers* e *Adventures in algebra*) e Charles H. Goren (*The elements of bridge*), humanas como John Clark Pratt (*The meaning of modern poetry*) e Ruth Frieman (*Understanding Shakespeare: Macbeth*) e biológicas como Arnol

Veryl Wolf (*Body fluid metabolism: A tutor text*) e Galen W. Ewing e Royal B. Leach (*Chemistry*) [...].

Porém, apesar de extensa produção bibliográfica dos textos interativos não lineares, não é para todo assunto que se encontra uma forma dinâmica de leitura sobre o assunto: não foram conhecidos, até então, livros interativos que tratassem, por exemplo, de lendas africanas para jovens leitores. [...] Aliás, nem mesmo no Brasil se encontra tal tipo de literatura. Optou-se por traduzir séries aclamadas e altamente rentáveis em números de vendas como, por exemplo, a *Escolha sua aventura* (*Choose your own adventure*) e a *Aventuras Fantásticas* (*Fighting fantasy*), destinadas aos públicos infantil e infanto-juvenil, respectivamente, o que foi tendência na maioria dos países que buscavam atingir o jovem leitor dos anos 70, 80 e meados de 90. Ainda no fim do século passado e início do presente essa prática é renovada e adaptada, e bons avanços temáticos vêm ocorrendo nos enredos, mesmo que ainda muito presos

a estereótipos. São exemplos a série *East African adventures* (com sua curta minissérie de três livros – *The Hunting Safari*, *The Canoeing Safari* e *The village safari* – ambientados no Lago Victoria da Tanzânia) e livros como o de Edward Packard (*Africa: Where do elephants live underground?*, um dos muitos títulos da famosa série *Choose your own adventure*) e *African Safari* (Richard Brightfield), geralmente usando a temática do turista em busca de aventuras nas terras exóticas do continente. Exceção à regra é a obra de Jo-Na Ritchie, *Have it your way: An african adventure*, na qual o leitor é um voluntário-missionário.

Interessantes tentativas foram feitas nos livros-jogos (junção de leitura não linear com regras simplificadas de RPG [...]) *Espectro* (Flávio Andrade) e *Renascido* (Carlos Klimick), os quais apresentam figuras do folclore brasileiro como o Curupira (encontrado em cima de um armazém da Zona Norte do Rio de Janeiro capital, sem pelos ruivos e trajes indígenas e podendo se metamorfosear em gato, macaco e outros animais) e Kanaíma (essa bem próxima do conhecido meio mulher, meio onça-pintada, a qual aceita ajudar o protagonista em sua busca em troca

da manutenção da sua espécie – sim, o acasalamento), respectivamente, totalmente desconstruídas, as quais passam ao leitor uma outra visão do estereótipo trabalhado, normalmente, em sala de aula/biblioteca escolar ou em casa.

A literatura africana é rica em histórias como *Jabulani e o leão*, *A lenda de Oxum* e *As lendas de Baobab*, e deveria ganhar versões interativas não só visando a cumprir a Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, e a Resolução n.º 1, de 17 de junho de 2004. Deve sensibilizar e motivar alunos, pesquisadores, professores, autores e estudiosos do tema e proporcionar aos seus mais variados leitores essa ferramenta alternativa de leitura.

Pedro Panhoca da Silva é mestrando em Literatura do Programa de Pós-Graduação em Letras da **Unesp** – Câmpus de Assis.

A íntegra deste artigo está disponível no "Debate acadêmico" do *Portal Unesp*, no endereço: <<https://goo.gl/U0QKjv>>.

Riqueza de histórias precisa ganhar versões interativas

AS CULPAS PELOS MALES DO MUNDO

Jean Marcel Carvalho França

Uma das grandes virtudes das sociedades democráticas ocidentais é a liberdade que dão aos seus membros de olhar para o próprio passado com despreendimento e espírito crítico. Há quem diga, inclusive, que, depois das traumáticas experiências totalitárias do século XX (o nazismo e o stalinismo, sobretudo), levamos tal espírito às raias do absurdo, do exagero, e passamos a enxergar o Ocidente como o grande e quiçá único responsável por todos os males do mundo: a história do branco ocidental, desde então e num crescendo, é a história dos sucessivos holocaustos, físicos e culturais, que esse agente universal do mal impôs e impõe aos Outros.

Tal perspectiva suscitou, nas últimas décadas, sinceros e emocionados pedidos de “perdão” ao resto do mundo por parte dos líderes e das instituições ocidentais, pedidos de perdão pelos sofrimentos que o homem branco causou nos mais remotos cantos do planeta: da Coreia à Groenlândia, da Terra do Fogo à Tasmânia. Essa megalomania da culpa, essa partilha simplória do globo entre os ocidentais e suas vítimas inocentes – partilha criada e propagada pelo próprio Ocidente –, parece, porém, estar dando sinais de esgotamento, de fadiga; afinal, por mais autocrítica, arrependida e humanista, que se reivindique, nenhuma civilização quer consumir-se a si própria no pântano da culpa e da autocomiseração.

Um caso paradigmático de tal esgotamento – que curiosamente não tem suscitado muita atenção por aqui – diz respeito às discussões em torno da escravidão africana. Em 1994, como é sobejamente conhecido, a Unesco, a pedido do Haiti, lançou um ambicioso e longo empreendimento, “A rota do escravo” <<http://www.unesco.org/new/fr/social-and-human-sciences/themes/slave-route/>>, voltado para o mapeamento da diáspora africana decorrente do tráfico negreiro. Impulsionada pelos ventos das teorias da diferença e do politicamente correto vindos da “inteligência progressista” do Ocidente, a empresa dedicou a quase totalidade da sua energia ao tráfico transatlântico, ao tráfico promovido pelos europeus e seus descendentes nas colônias da América, e prosperou, ganhando tanta visibilidade midiática e tanta importância política que pôde convenientemente deixar de lado outras diásporas suscitadas pelo tráfico de escravos africanos, entre as quais aquela em direção ao mundo árabe-mulçumano. A própria Unesco, em 2007, reconheceu, digamos, a lacuna e, na apresentação do pioneiro congresso que patrocinou dedicado ao tema, registrou: “O objetivo deste encontro internacional foi fortalecer as atividades do projeto [“A rota do escravo”] em regiões que até há pouco não estavam contempladas, nomeadamente o mundo árabe-mulçumano” <<http://www.unesco.org/new/fr/social-and-human-sciences/themes/slave-route/trade-in-the-arabo-muslim-world/>>. A sutil ampliação de perspectiva produziu, neste planeta de maniqueístas em que vivemos, consequências políticas e culturais nada desprezíveis, sobretudo na África e na Europa.

Pesquisas como a do historiador Salah Trabelsi trouxeram à tona evidências de que as caravanas que atravessaram o deserto rumo ao Magreb e ao Egito eram tão cruéis quanto os tumbeiros que cruzavam o Atlântico, que tais comboios se repetiram com mais ou



Árabes superaram europeus no uso de escravos negros

menos intensidade por treze séculos (VII-XX), que a civilização árabe-mulçumana importou mais do que o dobro dos negros desembarcados na América e, sobretudo, que tão longo comércio de homens acabou somente graças à intervenção europeia, graças aos ímpetos civilizatórios suscitados pelo arrogante mas por vezes útil humanismo ocidental. Tais evidências, é certo, não amenizam a brutalidade e a intensidade do tráfico atlântico, nem melhoram, retrospectivamente, as condições de vida do escravo africano na América; saber das indignidades cometidas pelo outro não torna as próprias indignidades mais dignas.

Todavia – e aqui está um ponto para reflexão que interessa sobretudo à sociedade brasileira contemporânea, corroída por uma histeria do politicamente correto

–, a partilha equilibrada das virtudes e vícios humanos entre os povos é um excelente antídoto contra a ideia pueril e improdutivo de que todos os males do planeta, e somente os males, vêm das “bestas brancas” do Ocidente e de que ser ou ter sido vítima de sua infinita maldade une a todos os demais, os colonizados, e os torna naturalmente virtuosos, mesmo quando cometem, por sua conta e risco, as maiores barbaridades. Diz o historiador senegalês Ibrahima Thioub, estudioso da escravidão no interior do continente africano, que senhor de escravos não tem nem cor, nem raça, nem religião determinadas, o que realmente o caracteriza é o ato de ter escravos e de servir-se deles. O raciocínio do doutor Thioub poderia, com enorme proveito para a partilha acima mencionada, ser estendido à maioria das práticas humanas, às virtuosas e às viciosas.

Jean Marcel Carvalho França é professor titular de História do Brasil da Unesp de Franca.

Este artigo está disponível no “Debate acadêmico” do Portal Unesp, no endereço: <<https://goo.gl/NZmRdD>>.